



ARTEMIS

Prevenção do assédio sexual &
abuso sexual entre alunos do ensino básico



ZONA DE NÃO ASSÉDIO

Um guia essencial para professores do ensino básico



Co-funded by
the European Union

Financiado pela União Europeia. No entanto, os pontos de vista e opiniões expressos são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelos mesmos.
Número do Projeto: 2023-1-FR01-KA220-SCH-000152428

INTRODUÇÃO

Introdução ao Guia da Zona de Não Assédio

O Guia da “Zona de Não Assédio” é um recurso essencial para professores do ensino básico, dedicado à prevenção do assédio e abuso sexual entre os alunos. O Guia fornece aos professores os conhecimentos e as ferramentas necessárias para abordar esta questão sensível no ambiente escolar.

O assédio sexual nas escolas é uma preocupação significativa que pode ter um impacto profundo no bem-estar emocional, psicológico e académico dos alunos. Apesar da natureza séria da questão, muitas vezes há uma falta de consciencialização, material educacional e formação para professores, o que pode levar a respostas inadequadas e à perpetuação de comportamentos prejudiciais. Assim, este Guia tem por objetivo oferecer uma visão teórica abrangente e estratégias práticas para a criação de um ambiente seguro e de apoio aos alunos nas escolas básicas.

O Guia está estruturado em várias secções que focam as causas, os efeitos e os tipos de assédio sexual. Explora fatores culturais e sociais, como a masculinidade normativa e a pressão dos pares, que contribuem para a prevalência do assédio nas escolas. O impacto destes comportamentos nos alunos, incluindo o sofrimento emocional, o isolamento social e as dificuldades escolares, é minuciosamente examinado para ajudar os professores a compreenderem o alcance total do problema.

Por último, o Guia inclui uma série de atividades, estudos de caso e estratégias de prevenção adaptadas ao contexto do ensino básico. Estes recursos foram concebidos para apoiar os professores na promoção de uma cultura de respeito, consentimento e segurança entre os alunos.



Índice

SECÇÃO DE TEORIA	
<u>INTRODUÇÃO À SECÇÃO DE TEORIA</u>	1
CAUSAS	
<u>INTRODUÇÃO ÀS CAUSAS</u>	3
<u>MASCULINIDADE NORMATIVA</u>	4
<u>FALTA DE SENSIBILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA OS PROFESSORES</u>	8
<u>AUSÊNCIA DE MATERIAL EDUCATIVO PARA OS ALUNOS</u>	15
<u>INFLUÊNCIA DOS MEDIA</u>	17
<u>PRESSÃO DOS PARES</u>	20
<u>FALTA DE FORMAÇÃO SOBRE OS RELACIONAMENTOS ADEQUADOS À IDADE, OS LIMITES & CONSENTIMENTO</u>	22
EFEITOS	
<u>INTRODUÇÃO AOS EFEITOS</u>	24
<u>DANOS EMOCIONAIS E PSICOLÓGICOS</u>	25
<u>DIFICULDADES ACADÉMICAS</u>	28
<u>DANOS FÍSICOS</u>	31
<u>ISOLAMENTO SOCIAL</u>	34
<u>PERTURBAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL NORMAL</u>	38
TIPOS	
<u>INTRODUÇÃO AOS TIPOS</u>	40
<u>ASSÉDIO VERBAL</u>	41
<u>ASSÉDIO NÃO VERBAL</u>	43
<u>ASSÉDIO VISUAL</u>	45
<u>ASSÉDIO FÍSICO</u>	49
PREVALÊNCIA POR PAÍS DA EU	
<u>INTRODUÇÃO À PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE</u>	52
<u>FRANÇA</u>	53
<u>GRÉCIA</u>	56
<u>ITÁLIA</u>	58
<u>PORTUGAL</u>	59
REFERÊNCIAS	
<u>CAUSAS</u>	61
<u>EFEITOS</u>	63
<u>TIPOS</u>	64
<u>PREVALÊNCIA POR PAÍS</u>	66

FICHAS DE ATIVIDADES

<u>ATIVIDADE 1</u>	69
<u>ATIVIDADE 2</u>	73
<u>ATIVIDADE 3</u>	77
<u>ATIVIDADE 4</u>	80
<u>ATIVIDADE 5</u>	83
<u>ATIVIDADE 6</u>	85
<u>ATIVIDADE 7</u>	87
<u>ATIVIDADE 8</u>	89
<u>ATIVIDADE 9</u>	91
<u>ATIVIDADE 10</u>	93

ESTUDOS DE CASOS

<u>INTRODUÇÃO AO ESTUDOS DE CASOS</u>	97
<u>MARTINICA</u>	98
<u>GRÉCIA</u>	99
<u>ITÁLIA</u>	100
<u>PORTUGAL</u>	101

SECÇÃO DE TEORIA



SECÇÃO DE TEORIA

Introdução à secção de teoria

A parte teórica do guia é uma importante fonte de informação e de material de sensibilização sobre a questão do assédio sexual entre pares. O assédio sexual nas escolas é um desafio sério que precisa de ser abordado de forma eficaz. Este Guia é oferecido como uma ferramenta prática aos professores e tem por objetivo fornecer uma abordagem holística dos conhecimentos existentes sobre o fenómeno do assédio sexual, a fim de ajudar os educadores a compreender, identificar e abordar os comportamentos de assédio sexual no contexto escolar. A parte teórica do guia examina em profundidade os principais componentes do assédio sexual. Especificamente, o Guia foca as causas que contribuem para a escalada do fenómeno, o impacto que tem sobre as vítimas e, finalmente, os tipos e expressões do comportamento.

Através dos temas relacionados com as causas do assédio sexual, os professores tomarão consciência dos fatores que levam à expressão do assédio sexual no ambiente escolar, mesmo quando essas causas não são fisicamente visíveis. Assim, é feita referência aos estereótipos normalizados e às redes dinâmicas de interações que alimentam o fenómeno, mas também às lacunas da educação contemporânea que conduzem ao seu aparecimento. Na segunda secção temática do Guia, os professores encontrarão uma investigação aprofundada sobre os efeitos do assédio sexual nas vítimas. Esta secção abrange todas as áreas da vida de uma criança que podem ser afetadas, tais como os domínios psicológico-emocional, académico-cognitivo, físico e social.



A última secção teórica é um guia para identificar os tipos de assédio sexual a que um estudante pode estar sujeito. Nesta secção, os leitores apercebem-se de que muitos comportamentos que podem ser justificados com base em certos estereótipos normalizados são formas de assédio sexual que podem ocorrer tanto dentro como fora do contexto escolar. Através deste Guia, os professores adquirirão conhecimentos valiosos sobre o significado e a complexidade do problema. Além disso, o Guia será uma ferramenta prática para identificar e abordar os múltiplos e variados tipos de assédio sexual, a fim de criar ambientes de aprendizagem seguros.



CAUSAS

Introdução às causas

O primeiro segmento teórico deste Guia incide sobre os principais fatores que contribuem para o agravamento do problema do assédio sexual nas escolas. É feita referência a fatores invisíveis que não podem ser facilmente identificados, como a normalização de estereótipos que reproduzem comportamentos de assédio sexual. Em seguida, são descritos os agentes patogênicos identificados no sistema educativo, como a falta de sensibilização e de formação dos professores e a ausência de material didático relevante para os alunos. Por último, são apresentados fatores como a influência dos meios de comunicação social e a pressão dos pares na ocorrência do fenómeno.

CAUSAS

Masculinidade normativa

Introdução ao tópico

Muitos cientistas sociais, psicólogos e antropólogos tentaram analisar, definir e explicar as razões pelas quais as pessoas adotam determinados padrões de comportamento. Abbot Davit (2020), no seu artigo “O papel do discurso na teoria social: a obra de Michel Foucault”, destaca os principais pontos da obra do teórico francês. Embora a obra de Michel Foucault seja bastante complexa, ela pode servir como ponto de partida para a definição da masculinidade normativa. Segundo Foucault, as estruturas que contêm uma forma de autoridade produzem um determinado conhecimento que os membros da sociedade reproduzem. Tomemos como exemplo a escola: a escola é uma estrutura que molda os indivíduos de uma sociedade.

Na Idade Média, de acordo com o Abade Davit (2020), a educação era principalmente sobre religião e filosofia, também conhecida como “escolasticismo medieval”. Na era do Renascimento, a educação começou a adotar uma abordagem mais centrada no ser humano, incorporando também as necessidades humanas, o que levou a uma mudança nas práticas sociais. O resultado é que os diferentes comportamentos na sociedade são aprendidos. Embora não exista uma definição universal de masculinidade.

Um termo a utilizar aqui vem de Reidya, Leone, Bogenb, & Swahna (2022), que descrevem a masculinidade como um conjunto de traços culturais e tendências comportamentais. A masculinidade varia de cultura para cultura, localização geográfica, estatuto socioeconómico e religião. Tem mais a ver com as exigências que a sociedade coloca aos homens relativamente ao seu comportamento em determinados ambientes.

MASCULINIDADE NORMATIVA

Como causa assédio sexual entre pares

Como já foi referido, a masculinidade está associada a expectativas socialmente construídas sobre o aspeto, o comportamento e a expressão dos homens e dos rapazes, no âmbito do estereótipo social “os rapazes serão rapazes”. De acordo com Reidya et al. (2022), os rapazes e os homens devem ultrapassar os limites da dor e não exteriorizar os seus sentimentos. Devem ser “homens duros” que rejeitam tudo o que seja feminino no seu comportamento. Espera-se também que sejam dominantes em relação a outros homens e mulheres e que se comportem de uma forma que demonstre poder. A dominância e o assédio sexual estão relacionados com o facto de o género masculino desenvolver um sentimento de superioridade que lhe dá acesso a posições de autoridade; no mesmo artigo, este comportamento é referido como “masculinidade hegemónica”.

Todas as pessoas correm o risco de serem assediadas sexualmente em algum momento das suas vidas, mesmo as mais estereotipadamente “privilegiadas”, como os brancos, ocidentais, homens e fisicamente aptos, mas as pessoas pertencentes a grupos sociais vulneráveis são ainda mais suscetíveis de serem assediadas, tanto em contextos escolares como não escolares, enquanto estudantes e adultos; estes grupos incluem pessoas LGBTQ+, raparigas, mulheres, migrantes e povos indígenas (Wikstrom, 2019). A raiz do problema não reside inteiramente na vida adulta dos homens que exibem comportamentos de masculinidade tóxica normalizada. Pelo contrário, trata-se de um desempenho de género que é gradualmente construído desde os tempos de escola. Um exemplo muito específico de um comportamento que é inculcado tanto nos rapazes como nas raparigas desde tenra idade é mencionado no artigo de Wikstrom: quando os rapazes tratam mal as raparigas, é porque gostam delas.



MASCULINIDADE NORMATIVA

Este estereótipo ensina as raparigas a ver o mau comportamento como interesse. Este comportamento não é geralmente abordado como masculinidade tóxica e impede os rapazes de continuarem a ter este comportamento na idade adulta. A normalização da masculinidade e dos comportamentos violentos e o facto de não se encarar a conformidade com estes comportamentos como prejudicial leva a um aumento do fenómeno do assédio sexual no contexto escolar.



Como pode ser abordado

Wikström (2019) refere que devem ser exploradas as causas mais profundas que incorporam a masculinidade essencialmente através de atos de violência. É importante identificar o comportamento e depois compreender as razões pelas quais ele acontece. De acordo com Barr e Javed (2021), Christopher Muwanguzi, o CEO da instituição de caridade “Working with Men”, descreve as principais características pelas quais a masculinidade tóxica normativa, a dominância e a agressão podem ser identificadas. Ambas fazem parte de uma narrativa que é inculcada nos rapazes desde tenra idade: a narrativa de “ser homem”.

Neste ponto, é importante sublinhar que o género masculino não é um alvo. A masculinidade em si não é uma coisa má, inclui qualidades como a coragem, ser protetor e ser forte, mas há aspetos da masculinidade que têm consequências negativas para todos os géneros. Barr e Javed (2021), no artigo: “What is toxic masculinity and how can it be addressed”, referem também que uma das características da masculinidade normalizada que é opressiva para rapazes e homens é o facto de alguém ter dificuldade em pedir ajuda. “Ser homem” significa ser forte e independente. Não há lugar para sentimentalismo e fraqueza nesta narrativa, o que significa que não são suficientemente capazes. Outra característica é a rejeição de tudo o que é feminino. Os rapazes são ensinados desde cedo que a heteronormatividade é absoluta e que qualquer comportamento feminino os torna menos homens. Por esta razão, é frequente observarmos comportamentos agressivos de rapazes em relação a raparigas ou rapazes com características mais femininas, tanto em contextos escolares como extraescolares. Os homens que se enquadram nas características da masculinidade tóxica são mais susceptíveis de assediar sexualmente as mulheres. Isto porque, na ideologia da masculinidade tóxica, as mulheres estão subordinadas ao homem, são propriedade dele e podem ser tratadas como ele quiser.

MASCULINIDADE NORMATIVA

Mas como é que a masculinidade normativa pode ser abordada e combatida? De acordo com Irvine (2021), a masculinidade tóxica é imperativa, uma vez que pode conduzir a perturbações internas e sociais que se manifestam em problemas como o bullying, as agressões e os comportamentos de risco. Para travar esta situação, um passo fundamental é desafiar os papéis de género ultrapassados e encorajar as pessoas a mudarem as suas perceções da masculinidade. O objetivo é iniciar um processo em que qualidades como a inteligência emocional, a bondade e a vulnerabilidade sejam encorajadas. No caminho para uma vida mais preenchida, os indivíduos são encorajados a informarem-se sobre a masculinidade autêntica, a rejeitarem a noção ultrapassada de uma imagem “machista” e a intervirem ativamente quando se deparam com comportamentos prejudiciais, como o sexismo e a agressão dos outros.



Conclusão

Em resumo, pode dizer-se que não existe um género “bom” e “mau”, apenas comportamentos que levam a conflitos entre os géneros. Seria útil perceber estes padrões de comportamento como construções sociais, de modo a estarmos conscientes deles. Não é útil dirigir-se aos homens sobre estereótipos que eles aprenderam a reproduzir quando eram crianças. Do mesmo modo, é problemático não encorajar as raparigas e as mulheres a não aceitarem estes comportamentos. O ponto mais importante é reconhecer que todos estes padrões são aprendidos. A educação é a solução fundamental para o problema do assédio sexual, que, naturalmente, também se pode dever a estereótipos de masculinidade normalizada. O conteúdo deste Guia é o nosso trampolim para a construção de sociedades com relações mais fortes e saudáveis entre os seus membros. A escola é o nosso primeiro ponto de contacto para a mudança. Nem sempre será fácil para um professor reconhecer quando uma criança está a interagir com base na masculinidade normalizada, mas agora que já explicámos o que é isso, pode começar por refletir sobre se está a agir de acordo com esses estereótipos. A consciencialização é extremamente importante porque, tal como referimos anteriormente nesta secção, estes são comportamentos normalizados, pelo que podemos comportar-nos desta forma sem nos apercebermos.

CAUSAS

Falta de sensibilização e educação para os professores

De acordo com o site “Sexuality issues”, o assédio sexual pode ser definido como palavras ou comportamentos de natureza sexual que são repetidamente impostos a alguém e que afetam a sua dignidade. De acordo com o guia francês “Comportement sexistes et violences sexuelles”, publicado em 2019 pelo Ministério da Educação e da Juventude, os comportamentos sexistas e a violência sexual são considerados factos sociais que afetam pessoas de todas as idades e classes e afetam todos os tipos de espaços, incluindo as escolas.

Como constatou Pellegrini (2001) num estudo longitudinal sobre violência nas relações heterossexuais e assédio sexual na transição do ensino fundamental para o médio, a escola é um lugar que oferece muitas oportunidades para crianças e adolescentes interagirem com pares do mesmo sexo e do sexo oposto (Blatchford, 1998). A escola é também o lugar onde as crianças devem ser protegidas, e a publicação da Unesco “Behind the numbers: ending school violence and bullying” (2019) afirma: “School violence in all its forms is a violation of children’s and young people’s rights to education and to health and well-being. No country can achieve inclusive and equitable quality education for all if learners experience violence and bullying at school” (p. 4). No entanto, o Guia da Unesco (2019) destaca os dados recolhidos através de inquéritos como o Inquérito sobre a Violência contra as Crianças (VACS) e o Inquérito Demográfico e de Saúde (DHS) (Chiang et al., 2016).

De acordo com estes inquéritos, um em cada três estudantes foi vítima de bullying na escola pelo menos uma vez no último mês, e o assédio sexual ocupa o segundo lugar. Na Europa, o assédio sexual desempenha um papel menos importante do que noutras partes do mundo, mas ainda assim ocorre (11%). Em geral, a maioria dos atos de bullying na escola é praticada por outros alunos. Inclui violência física, psicológica e sexual. Esta última inclui: atos sexuais não consentidos, toques não desejados, intimidação e assédio sexual. Os professores têm conhecimento e formação sobre estes factos e como é que as instituições respondem?



FALTA DE SENSIBILIZAÇÃO & FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

O guia “Comportement sexistes et violences sexuelles: Prévenir, repérer, agir”, publicado em 2019 pelo Ministério da Educação e da Juventude francês, afirma que a violência está ligada a uma desigualdade de género persistente baseada em estereótipos sexuais. Estes estereótipos, que estão enraizados na sociedade desde a mais tenra idade, reforçam o sistema de normas que organiza uma hierarquia entre os géneros e podem desencadear comportamentos violentos, incluindo o assédio sexual. Em França, por exemplo, o meio de comunicação social francês “20 Minutes” expôs o problema no artigo “They don't want to see the problem... Sexual violence among children, a blind spot of the Ministry of Education”, referindo que a proporção de casos de violência sexual envolvendo crianças, incluindo crianças muito jovens, está a aumentar a um ritmo alarmante. Entre 1996 e 2018, os casos de violação envolvendo menores como autores aumentaram 279% e os casos de agressão sexual em sentido geral (incluindo assédio e exibicionismo sexual) mais de 315%. Há semanas que o “20 Minutes” se debruça sobre esta violência, atualmente subestimada e não especificamente abordada pelo Ministério da Educação francês, que se concentra na luta contra o bullying nas escolas. De acordo com a reportagem, a instituição nega os factos de assédio sexual: velhos preconceitos e receios em relação a um assunto tão sensível levam muitos professores, diretores de escolas e até inspetores a minimizar a situação.



FALTA DE SENSIBILIZAÇÃO & FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Em França, a Lei n.º 2016-297, de 14 de março, visa garantir a satisfação das necessidades fundamentais das crianças, apoiar o seu desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social e proteger a sua saúde, segurança, moral e educação, respeitando os seus direitos.

- Lei da Criança de 1989
- Lei da Criança de 2004
- Safeguarding Vulnerable Groups Act 2006 (Lei de Proteção de Grupos Vulneráveis)
- Regulamentos da Educação (Avaliação dos Professores das Escolas) (Inglaterra) de 2012 (com as alterações que lhe foram introduzidas)
- Lei das Ofensas Sexuais de 2003
- Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR)
- Lei de Proteção de Dados de 2018 Orientação estatutária
- DfE (2018) “Trabalhar em conjunto para proteger as crianças”
- DfE (2019) “Keeping children safe in education” (Manter as crianças seguras no ensino) Orientações não legislativas
- DfE (2015) “O que fazer se estiver preocupado que uma criança esteja a ser vítima de abuso”
- DfE (2018) “Partilhar informações”
- DfE (2018) “Violência sexual e assédio sexual entre crianças em escolas e colégios”
- Site do Conselho de Salvaguarda das Crianças do Herefordshire

Podemos perguntar-nos porque é que o assédio sexual é regularmente testemunhado nas escolas, quando é suposto as crianças estarem protegidas. Dever-se-á a uma falta de sensibilização e de educação dos professores?

Fize (2003) afirma que os atos sexistas na escola são difíceis de registar e de constatar, porque as vítimas preferem manter o silêncio devido à angústia que sentem, e que o sistema educativo não toma medidas adequadas para prevenir o sexismo e o assédio sexual, centrando-se noutras formas de violência.



FALTA DE SENSIBILIZAÇÃO & FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

De facto, a Unesco (2019) refere que em muitos países existe uma forte liderança política e um sólido enquadramento legal e político para combater a violência em geral. No entanto, o mesmo artigo também salienta que, em alguns países, os programas e as políticas cobrem apenas parte do quadro e nem todos os professores foram formados para prevenir e responder à violência escolar e ao bullying. Além disso, a violência escolar nem sempre é monitorizada, embora este facto seja muito importante para alterar a situação. A disponibilidade de dados sobre a violência escolar ou o bullying e o acompanhamento sistemático das intervenções são mencionados como fatores de sucesso. A Unesco (2019) recomenda aos países que conseguiram reduzir o bullying no seu país que formem os professores para implementarem as medidas estabelecidas nas estratégias e planos nacionais sobre violência escolar e bullying.

A formação salienta a importância de melhorar a compreensão dos professores sobre a violência escolar e o bullying e de garantir que eles tenham as competências necessárias para prevenir, reconhecer e responder a incidentes.

A sensibilização e a formação dos professores são tanto mais importantes quanto alguns professores promovem inconscientemente a desigualdade através da sua prática pedagógica.

Este facto é resumido em “Intégrer l'égalité dans les enseignements du premier degré” (Integrar a igualdade no ensino do primeiro ciclo), publicado pela CANOPE (n.d.), uma instituição que desenvolve recursos para professores. Este documento descreve a atitude dos professores do ensino primário relativamente a este ponto:

Quando os professores são questionados sobre este aspeto do seu trabalho, ficam muitas vezes surpreendidos porque acreditam sinceramente que não fazem distinção e não discriminam entre raparigas e rapazes na sua prática profissional. Na maior parte das vezes, só levantam esta questão quando há problemas entre raparigas e rapazes, nomeadamente em espaços comuns como o recreio ou as casas de banho (“nada de raparigas a jogar futebol, nada de raparigas a resmungar, nada de rapazes a falar com raparigas, etc.”).

Por esta razão, os professores são aconselhados a questionar a sua prática profissional e as suas rotinas de sala de aula: tratar rapazes e raparigas de forma igual e garantir que eles próprios não transmitem estereótipos sexistas.



FALTA DE SENSIBILIZAÇÃO & FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

De acordo com CANOPE (n.d.) em “intégrer l'égalité dans les enseignements du 1er degré”, a investigação sociológica educacional mostra que uma das principais razões para o tratamento desigual de raparigas e rapazes é precisamente o facto de os mecanismos subjacentes não serem reconhecidos.

De acordo com o Ministério da Educação e da Juventude francês (2019), os adultos devem ajudar a orientar as relações entre os alunos. Devem prestar-lhes atenção e, ao mesmo tempo, ser rigorosos para responder, impor e fazer respeitar as noções de dignidade, de igualdade e de respeito mútuo.

Para além disso, o papel da escola é considerado essencial para a convivência e o sistema educativo deve promover a reflexão sobre o papel do homem e da mulher na sociedade, as representações estereotipadas, o respeito mútuo e, de uma forma mais geral, todas as formas de discriminação e violência contra as mulheres.

A educação deve ser ministrada principalmente através:
do currículo cívico, da educação sexual, de projetos educativos de prevenção da violência e do abuso sexual, dos meios de comunicação social ou de competências parentais.

Em termos de prevenção, Collet (2016) defende uma pedagogia equitativa entre os professores.

Os professores devem estar conscientes do facto de que o género está em todo o lado, incluindo nas salas de aula e nas práticas educativas.



FALTA DE SENSIBILIZAÇÃO & FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

O Ministério francês da Educação Nacional e da Juventude (2019) especifica igualmente que, para além da necessária sensibilização da sociedade no seu conjunto, o estabelecimento de ensino deve promover o desenvolvimento de competências de convivência, o respeito pela igualdade entre homens e mulheres e a luta contra as representações estereotipadas de qualquer forma de discriminação. Também fora da União Europeia estão a ser feitas recomendações semelhantes. A Comissão de Direitos Comuns de Ontário, por exemplo, recomenda as seguintes propostas:

- Adotar inequivocamente uma atitude de intolerância contra o assédio sexual e o assédio com base no género;
- Adotar uma atitude inequívoca de intolerância contra a discriminação com base na orientação sexual, incluindo o assédio homofóbico;
- Adotar uma política eficaz contra o assédio sexual e o assédio com base no género e assegurar que todos os estudantes tenham conhecimento da mesma;
- Esclarecer os estudantes sobre as consequências de todas as formas de assédio sexual e baseado no género, incluindo online;
- Bem como as medidas de prevenção do assédio online previstas na política da escola contra o assédio sexual e o assédio online;
- Sensibilizar os alunos e o pessoal para o assédio sexual, incluindo o assédio com base no género, estereótipos de papéis de género e comentários e comportamentos sexistas;
- Utilizar a representação de papéis e exercícios educativos para sensibilizar os alunos para o impacto do assédio sexual e baseado no género sobre os outros;
- Faça com que os alunos leiam artigos dos meios de comunicação social para aperfeiçoar as suas capacidades de pensamento crítico e fazer perguntas pertinentes sobre o que vêem, ouvem e lêem;
- Ensinar aos alunos como se protegerem do assédio sexual e baseado no género em linha;
- Respeitar a confidencialidade dos alunos que denunciam assédio sexual, assédio com base no género e bullying relacionado. Isto pode incentivar outros estudantes a denunciarem o assédio;
- Assegurar que o pessoal disponha de recursos, conhecimentos e ferramentas suficientes para reconhecer comportamentos que constituam assédio sexual e para comunicar incidentes quando estes ocorreram.



FALTA DE SENSIBILIZAÇÃO & FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Conclusão

As estatísticas registam muitos casos de assédio sexual. O problema deve ser abordado desde já e a adoção de medidas a partir da escola primária pode ser uma forma de alterar a situação.

As medidas de acordo com as diretrizes são adequadas para atuar a 3 níveis:

- Alunos
- Professores
- Instituição.

A prevenção só pode ser bem sucedida se os professores agirem como modelos de igualdade, o que também se deve refletir no projeto escolar. Isto significa que o pessoal docente deve receber formação adequada para o efeito. O pessoal pedagógico deve ser sensibilizado para esta questão e, segundo a CANOPE (n.d.), os professores devem questionar a sua prática profissional e também a escola enquanto sistema (a organização das aulas, os materiais utilizados, as matérias lecionadas, etc.). A aprendizagem da igualdade e da equidade de tratamento entre raparigas e rapazes ocorre tanto no quotidiano da sala de aula como em/atraves de todas as áreas disciplinares.

Um dos aspetos mais importantes do ensino da igualdade entre raparigas e rapazes é lidar com os estereótipos: O objetivo é identificar de que forma alguns destes estereótipos podem constituir barreiras ao desenvolvimento dos alunos enquanto seres humanos realizados. E, como observam Debarbieux, Alessandrin, Dagorn e Gaillard (2018, p.90), “while school is a place where sexist stereotypes are constructed and sometimes reinforced, and even if the rejection of the feminine can sometimes be observed, it is also a place where many professionals try to contribute to the deconstruction of these stereotypes in order to offer models other than the dominant ones”.



CAUSAS

Ausência de material educativo para os alunos

O assédio sexual por pares no ensino básico é uma questão muito complexa que é influenciada por vários fatores sociais. É importante reconhecer as causas para que os professores e educadores possam abordar o problema de forma eficaz.

A falta generalizada de recursos educativos adequados para os alunos é um grande desafio para a promoção de um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo sobre o tema do assédio sexual. Os professores têm frequentemente dificuldade em falar com os seus alunos sobre questões relacionadas com a promoção de relações saudáveis e de comportamentos respeitosos ou claramente adequados.

Os professores, especialmente os do ensino básico, podem desempenhar um papel importante na sensibilização para as questões relacionadas com o assédio entre pares, desenvolvendo currículos mais inclusivos que abordem estas preocupações. Trabalhar com instituições e autoridades escolares para integrar conteúdos adequados à idade nos currículos existentes pode garantir uma abordagem mais holística.

Incentivar um diálogo aberto entre professores e alunos pode ajudar a identificar preocupações e questões específicas que precisam de ser abordadas. Este diálogo, destinado a encontrar potenciais questões conceptuais que possam estar subjacentes a comportamentos inadequados, pode ajudar no desenvolvimento de materiais didáticos que satisfaçam as necessidades específicas dos alunos e sejam identificados com eles.



AUSÊNCIA DE MATERIAL EDUCATIVO PARA OS ALUNOS

Proporcionar aos professores oportunidades de formação centradas no desenvolvimento de materiais didáticos pode permitir-lhes colmatar lacunas, tanto em termos dos conceitos e abordagens a utilizar como em termos da criação de materiais específicos. Os workshops, os cursos de formação e a colaboração com peritos neste domínio podem melhorar as competências dos professores e educadores no desenvolvimento de recursos que sejam simultaneamente informativos, cativantes e significativos para os alunos.



O envolvimento dos pais, dos encarregados de educação e da comunidade em geral é fundamental para resolver o problema da falta de materiais didáticos. Os esforços conjuntos entre as escolas e as comunidades podem levar à produção de recursos que reflitam os interesses locais e garantam a relevância cultural e uma maior eficácia. Além disso, a estreita colaboração entre todas as partes interessadas pode permitir uma melhor identificação e abordagem de comportamentos desviantes ou inadequados.



Por conseguinte, o reconhecimento das causas profundas do assédio sexual pelos pares, especialmente a falta de materiais educativos para os alunos, é o primeiro passo para promover um ambiente de aprendizagem mais seguro. A abordagem destas questões exige uma estratégia multifacetada que envolva professores e educadores responsáveis pelo desenvolvimento curricular, bem como o resto da comunidade, para garantir o desenvolvimento e a implementação de recursos adequados à idade, que proporcionem aos alunos os conhecimentos necessários para saberem como se comportar nas relações.



Abordar esta questão numa idade precoce permite um desenvolvimento cognitivo e espiritual adequado, em conjunto com o desenvolvimento correto de uma personalidade que respeita os direitos dos seus pares.



CAUSAS

Influência dos media

Os meios de comunicação social têm uma grande influência na formação das atitudes e comportamentos sociais das crianças e dos jovens, nomeadamente no que se refere a questões de género, afetividade e relações. O papel dos meios de comunicação social nas questões de assédio sexual por parte dos colegas no ensino básico é complexo e pode contribuir para distorcer as perceções e o comportamento dos alunos.

Os meios de comunicação social perpetuam frequentemente representações estereotipadas dos papéis de género, reforçando as normas tradicionais que podem contribuir para desequilíbrios de poder e para o desenvolvimento de personalidades desajustadas que perpetuam velhos estereótipos e utilizam "harassment as a coping mechanism" (Wikström, 2019, p. 32). Estas representações podem afetar a forma como os estudantes percebem o comportamento adequado nas relações, potencialmente normalizando ações agressivas ou desrespeitosas.

Por outro lado, a sexualização generalizada dos conteúdos mediáticos pode levar a que os alunos sejam expostos a conteúdos explícitos e inadequados para a idade. Esta situação pode reduzir a sensibilidade dos estudantes para a gravidade do assédio sexual e conduzir a uma cultura em que os comentários, ações ou gestos inadequados são vistos como aceitáveis.

A influência dos meios de comunicação social na imagem corporal também pode levar a um sentimento geral de inadequação e insegurança entre os estudantes. O assédio sexual entre pares pode estar relacionado com dinâmicas de poder baseadas na imagem corporal, em que os estudantes utilizam comportamentos inadequados como forma de afirmar o controlo ou de se conformarem com as expectativas sociais.



INFLUÊNCIA DOS MEDIA

A democratização das redes sociais está a conduzir a novas dimensões do assédio sexual por parte dos pares. A cyberperseguição, alimentada pelas plataformas online, pode amplificar os efeitos negativos do assédio, atingindo um público mais vasto, mais rapidamente e sem qualquer controlo. O uso massivo de smartphones com acesso direto a várias plataformas de comunicação instantânea também tem consequências graves quando, por exemplo, fotos ou vídeos com conteúdo sexual são divulgados sem consentimento. Para Budde et al. (2022), esta prática, designada por sexting, é o ponto de partida para a violação dos limites sexuais. As plataformas de media online podem também ser um meio de distribuição de conteúdos inapropriados, contribuindo para um ambiente online pouco saudável para os estudantes.

As dinâmicas de relacionamento pouco saudáveis são frequentemente romantizadas nos meios de comunicação social, incluindo elementos de controlo, dominação e desrespeito. Os estudantes expostos a estas narrativas podem interiorizar estes comportamentos como aceitáveis e mesmo apropriados, influenciando as suas interações com os colegas e contribuindo para um ambiente que fomenta o bullying.

Abordar a desinformação difundida pelos meios de comunicação social sobre as características das relações saudáveis e combater o assédio sexual entre pares exige uma ação a vários níveis:

- Promover a educação para a literacia mediática: integrar a educação para a literacia mediática no currículo para ajudar os alunos a analisar criticamente e a desconstruir as mensagens divulgadas pelos meios de comunicação social. Isto permitir-lhes-á envolverem-se de forma responsável com os conteúdos mediáticos e reconhecerem estereótipos nocivos.
- Convidar oradores e organizar workshops: Convide especialistas que estudam a influência dos media ou psicólogos para organizarem seminários para professores sobre o impacto dos media no comportamento dos alunos. A compreensão desta dinâmica permitirá aos professores abordar de forma proativa a influência dos meios de comunicação social na sala de aula..



INFLUÊNCIA DOS MEDIA

Utilização dos media na sala de aula. Utilização de conteúdos mediáticos na sala de aula como base para debates sobre estereótipos de género, relações saudáveis e consentimento. Esta abordagem interativa permite aos educadores orientar os alunos na desconstrução das narrativas dos meios de comunicação e na compreensão da sua influência.

Envolver os pais ou encarregados de educação. Manter uma comunicação aberta com os pais ou encarregados de educação sobre o papel dos meios de comunicação na formação de opiniões. Forneça recursos e ofereça seminários para os pais regularem o acesso à utilização dos media em casa, a fim de incentivar um esforço de colaboração para atenuar as influências negativas.

Criar narrativas positivas nos media. Incentive os alunos a produzirem as suas próprias histórias nos meios de comunicação social que quebrem estereótipos e promovam dinâmicas de relacionamento positivas. Desta forma, podem contribuir ativamente para a cultura mediática e desenvolver um sentido de iniciativa na criação de narrativas.

Por último, é importante reconhecer que a gestão da influência dos media é fundamental para os professores que tentam criar um ambiente de sala de aula que contrarie os efeitos negativos dos media no assédio sexual entre pares. Ao promoverem a literacia mediática e o pensamento crítico, os professores podem capacitar os alunos para navegarem no complexo panorama mediático e desenvolverem comportamentos saudáveis em matéria de relações e respeito.



CAUSAS

A pressão dos pares

A pressão dos pares é uma influência social poderosa que contribui significativamente para a ocorrência de assédio sexual entre pares nas escolas primárias. Compreender a dinâmica da pressão dos pares é fundamental para os educadores que desejam criar um ambiente que desencoraje comportamentos inadequados e promova relações respeitadas.

A pressão dos pares geralmente decorre do desejo de se conformar com as normas sociais de um grupo de pares. No contexto do assédio sexual entre pares, os alunos podem adotar comportamentos inadequados para serem aceites e se integrarem num grupo ou para evitarem a exclusão social. Os professores precisam de reconhecer a influência das normas sociais no comportamento dos alunos.

As hierarquias e os desequilíbrios de poder dentro dos grupos de pares podem exacerbar a dinâmica da pressão dos pares. Os alunos podem sentir-se obrigados a adotar comportamentos inadequados para manter ou aumentar o seu estatuto no grupo. Os educadores devem estar conscientes destas dinâmicas de poder e trabalhar para criar um clima de sala de aula inclusivo e de apoio.

A pressão dos pares relacionada com o assédio sexual resulta frequentemente da falta de compreensão ou do desrespeito pelos limites pessoais. Os estudantes podem envolver-se em ações inadequadas sem se aperceberem do dano potencial que estão a causar. Os professores e educadores desempenham um papel fundamental no ensino de limites saudáveis e na promoção da empatia entre os alunos.

O medo de consequências sociais, como a humilhação ou o isolamento, pode levar os alunos a participar ou a tolerar comportamentos inadequados. Os professores devem criar uma cultura que incentive a comunicação aberta e garanta que os alunos se sintam seguros para denunciar casos de assédio sem receio de retaliação.

As normas de género nos grupos de pares podem contribuir para pressionar os alunos a seguirem papéis estereotipados. Por exemplo, os rapazes podem sentir-se pressionados a mostrar domínio ou agressividade ou a esconder os seus sentimentos para se conformarem com a masculinidade tradicional. Os professores e educadores devem desafiar estas normas de género e promover uma compreensão mais ampla da expressão individual para combater os estereótipos que, por vezes, são transmitidos de geração em geração.

A PRESSÃO DOS PARES

Para contrariar a pressão dos pares que é perpetuada pelos estereótipos em muitas sociedades, devem ser tomadas medidas a vários níveis:

Promover a individualidade. Incentivar os alunos a expressarem a sua individualidade e a não aceitarem papéis estereotipados de género. Promover a diversidade na sala de aula para criar um ambiente em que os alunos se sintam aceites por aquilo que são e não por aquilo que os outros esperam que eles sejam.

Construir relações positivas entre pares. Promover relações positivas entre pares, encorajando o trabalho de equipa, a colaboração e, essencialmente, o respeito mútuo. Sublinhar a importância da empatia e da compreensão, criando uma cultura em que os alunos se apoiem mutuamente em vez de pressionarem os colegas a comportarem-se de forma inadequada.

Criar cenários de role-play. Utilize a dramatização para simular situações em que a pressão dos pares é exercida. Esta abordagem interativa permite que os alunos pratiquem a assertividade e a recusa e intervenham como testemunhas. Os professores e educadores podem conduzir debates sobre como resistir eficazmente à pressão negativa dos pares.

Incentivar o diálogo aberto sobre limites. Incentivar o diálogo aberto sobre limites pessoais, acordos e respeito mútuo na sala de aula. Criar um ambiente seguro onde os alunos possam partilhar os seus pensamentos e preocupações para que os professores possam esclarecer mal-entendidos e promover uma dinâmica de relacionamento saudável.

Incentivar programas de tutoria entre pares. Implementar programas de tutoria entre pares em que os alunos mais velhos possam oferecer orientação e apoio aos colegas mais novos. Isto cria uma influência positiva no seio do grupo de pares e ajuda a colmatar as lacunas de comunicação entre alunos e professores.

Por conseguinte, a fim de criar um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo, é imperativo reconhecer e abordar o impacto da pressão dos pares no assédio sexual entre pares. Os professores podem utilizar estratégias proativas e uma comunicação aberta e saudável para ajudar os alunos a resistir à pressão negativa dos pares e contribuir para uma cultura de respeito e compreensão na sala de aula, moldando positivamente as personalidades dos seus alunos.



CAUSAS

Falta de formação sobre os relacionamentos adequados à idade, os limites & consentimento

As relações saudáveis são necessárias para uma vida boa e feliz. É amplamente reconhecido que a qualidade das relações com os pares, amigos, pais, irmãos, colegas de turma, namorados, namoradas, etc. é um forte e importante fator de previsão do desenvolvimento e bem-estar de um indivíduo. De facto, a capacidade de ter relações positivas é fundamental para uma boa saúde física, emocional e mental (Biddle & Asare, 2011). Ao longo dos últimos dois séculos, a instituição da família mudou drasticamente, mas os nossos pontos de vista e expectativas sobre as relações no seio da família e da sociedade em geral não acompanharam estas mudanças.

Mais importante ainda, continuamos a confiar principalmente nos nossos instintos para reconhecer e desenvolver relações saudáveis. Isto é especialmente problemático nas nossas tentativas de lidar com os comportamentos inadequados que vemos e experienciamos nas relações, e muitas vezes contentamo-nos em ver apenas se as pessoas estão seguras nas relações.

A nossa capacidade de encontrar a relação mais saudável, com a nossa família e amigos, já não se baseia apenas em quem está próximo do ideal e tem as melhores capacidades de sobrevivência. Já não se baseia apenas em quem consegue satisfazer as nossas necessidades básicas de segurança e satisfação, sendo ao mesmo tempo a pessoa mais divertida, confortável, interessante e excitante de se estar. Para garantir que as relações saudáveis vão para além dos perigos, com um envolvimento respeitoso, honesto, igual, justo e carinhoso por parte daqueles que estão física e emocionalmente presentes, todos nós precisamos de ser bem educados sobre o que procurar em nós próprios e nos outros, quando traçar os limites e como reagir àqueles que discordam do nosso comportamento, para que não contribuamos para os muitos casos de relações pouco saudáveis que vivemos - evitando uma ameaça potencial em vez de desfrutar de um benefício mútuo (Ai et al., 2021; Hadar et al., 2020).

Também precisamos de relações para melhorar a nossa vida, trabalho, diversão e culto. Para garantir estes benefícios, a sociedade precisa de educação para o bem-estar, nos seus contextos físicos, mentais, emocionais e sociais mais básicos, para desvendar os seus muitos benefícios, ameaças e ferramentas.

FALTA DE FORMAÇÃO SOBRE OS RELACIONAMENTOS ADEQUADOS À IDADE, OS LIMITES & CONSENTIMENTO

Compreender as relações apropriadas à idade

Para ajudar os alunos a desenvolver competências de relacionamento saudáveis e respeitadoras, é útil compreender o que são competências de relacionamento adequadas à idade. Seguem-se competências de relacionamento para vários grupos etários que podem ser transformadas em aulas adequadas à idade. Quando nos referimos aqui a jovens estudantes, estamos a referir-nos a eles no contexto da escola básica (Ball et al., 2024).

As competências de relacionamento adequadas à idade dos jovens estudantes do ensino básico incluem demonstrar controlo, partilhar, mostrar respeito, esperar e revezar, mostrar empatia, mostrar bondade, cooperar e comunicar eficazmente. Estas competências socio-emocionais devem ser adquiridas. É de notar que estas competências não são exclusivas dos jovens estudantes do ensino básico, mas a forma como estas competências se desenvolvem varia com a idade (Malti & Noam, 2016).

As competências começam a desenvolver-se na pré-puberdade. Estas incluem competências de jovem estudante, mas também a capacidade de trabalhar de forma independente e em grupo, a compreensão de conflitos, a capacidade de reconhecer o que é aceitável e o que é inaceitável e de fazer escolhas positivas. À medida que os alunos entram na pré-puberdade, a autoestima deve promover estas competências à medida que se tornam mais fortes. Os alunos adolescentes desenvolvem competências sócio-emocionais adequadas à idade, incluindo a compreensão de diferentes tipos de relações, a capacidade e estratégias para lidar com o fim de uma relação e capacidades de lidar com a situação para uma intervenção eficaz. É nesta altura que os alunos conseguem antecipar o que pode acontecer numa situação antes de ela ocorrer, considerar as consequências imediatas e futuras das suas ações e das ações dos outros, saber reconhecer comportamentos negativos e abusivos e abster-se de participar em tais comportamentos. Por último, os estudantes que tenham suspeitas de abuso devem procurar o apoio de um adulto (Madany et al., 2016).

Estabelecimento de limites e consentimento

A promoção de relações saudáveis ensina as crianças a estabelecer limites e ajuda-as a reconhecer quando o contacto está a entrar em território pouco saudável (Flecha et al., 2021). Ao encorajar uma comunicação aberta, as crianças podem sentir-se com poder para expressar desconforto ou preocupações. Por exemplo, num ambiente saudável, as crianças podem revelar casos de abuso a adultos de confiança. O consentimento, seja ele físico, emocional ou digital, é crucial. É importante ensinar o consentimento em várias áreas da vida, incluindo conteúdos digitais e situações pessoais, emocionais, financeiras e médicas. Esta educação permite que os adolescentes reconheçam e respeitem os limites, o que conduz a relações mais seguras em geral.



EFEITOS

Introdução aos efeitos

A segunda parte teórica do Guia contém uma descrição e análise pormenorizadas dos efeitos do assédio sexual entre os estudantes. Em particular, a secção temática sobre o impacto está dividida em cinco subsecções que também refletem as áreas da vida dos alunos que são afetados pelo comportamento de assédio sexual. A secção teórica discute questões de sofrimento emocional e psicológico, as formas como o assédio pode causar traumas a longo prazo em estudantes menores de idade e os sinais que os educadores podem procurar para reconhecer tais comportamentos. Descreve as dificuldades que a vítima pode enfrentar a nível da aprendizagem em resultado do assédio e como um professor pode ajudar na prática. Responde a questões como a de saber se o assédio moral pode levar a danos físicos ou ao isolamento social, de que forma afeta o bem-estar do aluno e o que acontece com as suas vidas a longo prazo. Como pode um professor criar um espaço seguro para interagir com os alunos? Neste módulo, os professores ficarão plenamente informados sobre os efeitos do assédio sexual nos seus alunos, com base na literatura atual, e aprenderão a ajudar na prática as vítimas deste tipo de comportamento.

EFEITOS

Danos emocionais e psicológicos

Tem sido postulado que o assédio sexual tem consequências extremamente negativas para a saúde emocional das vítimas. O efeito residual é uma diminuição do sentimento de autoestima que resulta em graves prejuízos para o funcionamento das atividades quotidianas. As experiências das vítimas trazem consigo uma baixa autoestima e uma imagem corporal afetada, o que resulta numa baixa autoestima.

O stress e a depressão estão entre as emoções predominantes, e as vítimas tendem a perder-se nos incidentes. Isto significa que até as ações mais simples são extremamente stressantes, de tal forma que as suas vidas podem ser descritas como um purgatório. O resultado são medos e desconfianças que afetam as suas relações interpessoais.

As noções de culpa e vergonha são também comuns, pois a pessoa assediada sente-se normalmente merecedora do assédio de alguma forma. O stress pode ser desencadeado por acontecimentos que fazem lembrar o assédio, o que, por sua vez, provoca stress. Além disso, o mau humor pode aumentar devido à exposição da vítima à agressão e ao stress, o que se reflete nas suas interações com os outros e no seu estado mental geral.



DANOS EMOCIONAIS E PSICOLÓGICOS

Também se observam efeitos negativos no desenvolvimento do cérebro e do sistema nervoso quando as vítimas são jovens. Estes efeitos têm consequências que tornam a pessoa mais suscetível à ansiedade, à depressão e a vários outros problemas mentais, como a toxicod dependência, perturbações da personalidade e até pensamentos e gestos suicidas. Outra triste realidade é a auto-mutilação das vítimas e a procura de métodos para lidar com os seus sentimentos e sofrimento mental crescentes.

A perturbação do pensamento e a despersonalização, uma forma de defesa psicológica, podem desenvolver-se e levar a um comprometimento da mente, da personalidade e do ambiente.

Esta alienação pode ser um grande problema para as vítimas, especialmente em termos de cura, uma vez que são incapazes de interagir adequadamente com o seu ambiente porque as suas emoções e estado mental também estão afetados.

São também observadas algumas anomalias físicas nas vítimas, como a perda de controlo intestinal, alterações de peso como a obesidade extrema ou a emaciação extrema e algumas outras deficiências associadas. Os pesadelos e a falta de concentração são outros sintomas comuns que inevitavelmente ocorrem nas vítimas, afetando o seu sono e as suas atividades normais. Estes sinais e efeitos dão uma ideia clara da gravidade e do complexo impacto que o assédio sexual pode ter nas vítimas.

O assédio sexual tem consequências graves que podem acabar por afetar o resto da vida de uma pessoa. Por um lado, as consequências gerais incluem a exclusão do bom desempenho escolar, dos estágios e de outras atividades educativas. Por outro lado, há pessoas que chegam a extremos para lidar com a situação. A adaptação à escola torna-se difícil e as pessoas afetadas sofrem de distração, absentismo e relações estudantis tensas, por exemplo, intimidando os colegas ou sendo elas próprias intimidadas e ficando frustradas e limitadas.

Também se pode observar um retraimento patológico, em que as vítimas procuram a supervisão de um adulto ou, pelo contrário, evitam-na. Este comportamento é um mecanismo de adaptação que tem um impacto negativo na socialização da criança, incluindo a interação com os prestadores de cuidados.

O assédio sexual tem efeitos devastadores na saúde mental das crianças durante um longo período de tempo. Afeta a sua capacidade de levar uma vida plena porque não conseguem ter confiança em si próprias e nos seus sentimentos. Muitas delas têm um medo constante de serem novamente exploradas e, por isso, afastam-se de casa e da escola.



DANOS EMOCIONAIS E PSICOLÓGICOS

O impacto na vida amorosa ou sexual é profundo, pois as vítimas debatem-se com grandes problemas de intimidade e confiança. Isto também afeta as suas relações sociais: Muitas das vítimas sentem-se sozinhas, não confiam nas outras pessoas e têm problemas em criar laços estreitos. Isto leva ao isolamento, especialmente em contextos sociais, e pode levar a que algumas delas corram o risco de se agredirem a si próprias ou a outros, psicológica ou fisicamente, uma vez que não têm respeito por si próprias ou pelas outras pessoas.

Esta situação tem consequências significativas a curto prazo para as vítimas, incluindo a perda de identidade, sobretudo porque as vítimas não reconhecem as suas necessidades e não sabem como as satisfazer. Quando não respondem às suas necessidades pessoais, os seus problemas emocionais e psicológicos agravam-se, tornando a cura um processo lento e árduo.

O assédio sexual afeta a tomada de decisões dos alunos, dos professores e de qualquer pessoa na área afetada, levando a consequências desagradáveis como o suicídio, o abuso de substâncias e a “fuga” dos alunos. Estes comportamentos indicam problemas de modulação dos afetos e de resiliência.

Sinais para professores

Os professores devem estar atentos a estes possíveis sinais de assédio sexual:

- Relutância em ir à escola
- Notas mais fracas
- Faltas injustificadas às aulas
- Comer sozinho ou muito pouco
- Perda frequente de objetos
- Adormecer nas aulas
- Dores de cabeça ou de estômago frequentes
- Dificuldades nos trabalhos de casa
- Medo de estar sozinho na rua
- Mudanças de comportamento: calmo, atrevido ou ansioso
- Mudanças de humor repentinas: distante ou triste
- Estremecimento perante os movimentos
- Recusa de participar em atividades desportivas
- Tendências auto-destrutivas.

O assédio sexual tem um impacto grave na saúde mental das crianças e, por conseguinte, na sua autoestima, autoconfiança e relações. Por conseguinte, é importante reconhecer estes sinais de alerta para ajudar uma criança e evitar consequências negativas para o seu desenvolvimento.



EFEITOS

Dificuldades acadêmicas

Como é que o assédio sexual entre pares pode afetar o desempenho acadêmico e o empenho de um aluno

O assédio sexual é um aspeto angustiante da violência escolar baseada no género que afeta significativamente o desempenho académico dos alunos. A equipa do Relatório de Monitorização Global da Educação e a Iniciativa das Nações Unidas para a Educação das Raparigas (2015) sublinham no seu décimo sétimo documento de orientação que a VGAE (Violência de Género na Escola) pode prejudicar gravemente a saúde e a capacidade de aprendizagem das crianças, bem como dificultar a assiduidade e a aprendizagem. No entanto, existem poucos dados sobre o assédio sexual no ambiente escolar, quer devido à falta de esforços de investigação, quer porque as vítimas permanecem em silêncio. Consequentemente, não existe informação suficiente sobre o impacto real deste fenómeno na participação escolar e no desempenho académico dos alunos. Em particular, 61% das raparigas que foram vítimas de assédio sexual tiveram um impacto negativo no seu desempenho escolar ou abandonaram a escola (Global Education Monitoring Report Team & United Nations Girls' Education Initiative, 2015, p. 11).

O assédio moral é considerado parte integrante do processo educativo a todos os níveis, desde o ensino básico até à universidade, como referem Diema Konlan e Mavis Dangah (2023). A vítima sofre agitação, pressão, trauma e stress, o que resulta numa relutância em frequentar a escola e numa diminuição do interesse pela educação, pela aprendizagem e pelas atividades extracurriculares. Gradualmente, o desempenho académico da vítima diminui (ibid.).

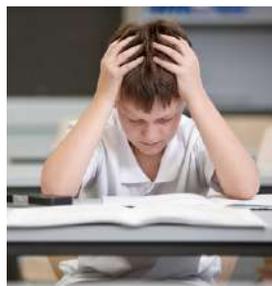
Um inquérito americano revela que 8 em cada 10 estudantes com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos foram de alguma forma assediados sexualmente durante os seus anos de escolaridade. Os estudantes referiram sentimentos de raiva e vergonha, que estão diretamente relacionados com o impacto do assédio no desempenho académico. 2 em cada 10 estudantes referiram falta de vontade de participar nas aulas e dificuldade de concentração, sobretudo entre aqueles que tinham sido vítimas de assédio físico (Sexual Harassment - Safe Learning Environments for All Students - IDRA, 2018).

DIFICULDADES ACADÉMICAS

Desafios que os alunos assediados podem enfrentar nos seus estudos

Muitas vezes, os estudantes têm a sensação de que a sua queixa não é ouvida ou que o assédio sexual é considerado normal (Bannister Dean, 2019). Quando se trata de violência verbal, esta é frequentemente vista como uma piada entre os colegas e, quando as raparigas denunciam um comportamento inadequado, a resposta dos professores pode limitar-se a uma declaração estereotipada como “os rapazes serão sempre rapazes” (Moorhead, 2019). Em todos os casos, as raparigas que sofreram alguma forma de assédio relataram sentir-se objetificadas e desrespeitadas, o que teve impacto no seu bem-estar geral (*'We Don't Tell Our Teachers' Experiences of Peer-On-Peer Sexual Harassment among Peer-On-Peer Pupils in Secondary School in Wales, 2021*).

O assédio sexual pode provocar ansiedade e depressão, obrigando o aluno a afastar-se do ambiente escolar (Ginestra, 2020). Na maioria dos casos, o assédio sexual tem um impacto a longo prazo na auto-confiança dos estudantes, na sua participação no processo educativo e nas suas relações com os outros (ibid.). É uma situação que obriga as vítimas a faltarem à escola e a isolarem-se, pode desencadear pensamentos de auto-mutilação e, de um modo geral, afeta o bem-estar do indivíduo (ibid.). Um problema fundamental enfrentado pelos estudantes que são assediados sexualmente na escola é o facto de não denunciarem o comportamento aos seus professores, uma vez que este ocorre frequentemente ou é ignorado pelo pessoal escolar (*Everybody's affected peer on-peer sexual harassment among learners - Comissão Senedd, 2022*).



DIFICULDADES ACADÉMICAS

Percepções sobre como os professores podem identificar e apoiar os alunos que enfrentam desafios académicos devido ao assédio

As instituições e os professores devem estar conscientes de que o assédio sexual é um fenómeno que pode ocorrer entre duas ou mais crianças de qualquer sexo e idade, dentro e fora da escola. Devem estar atentos para reconhecer comportamentos que se enquadram no espetro do assédio sexual e que podem ser abordados por serem de natureza física, tais como puxar as calças de uma criança para baixo, levantar uma saia, colocar sutiãs ou apalpar os seios e os genitais. Como já foi referido, as vítimas de assédio sexual sofrem uma diminuição do desempenho académico devido ao stress e aos sentimentos dolorosos, o que constitui uma prova sólida para investigar a situação da criança. Mesmo que não haja relatos de tais incidentes, isso não significa que eles não existam, apenas que podem não ser relatados. (Quinta parte: Child-on-child sexual violence and sexual harassment, n.d.)

As políticas escolares não devem apenas reagir ao assédio sexual, mas assumir um papel proativo. Uma avaliação mensal da saúde mental dos alunos deve ser obrigatória porque, como mencionado acima, pode levar muito tempo para que um aluno assediado denuncie um incidente. Para além disso, os professores devem criar um sentido de “comunidade” nas aulas, que crie um ambiente mais amigável para os alunos e uma relação de confiança entre professor e aluno. Para além disso, as famílias dos alunos são geralmente uma força a ter em conta.

As escolas devem organizar eventos educativos para os pais, a fim de os informar sobre os padrões de bullying, tanto na perspetiva da vítima como do agressor. Também neste caso, uma relação de confiança entre pais e professores é essencial para que o incidente seja comunicado em tempo útil e para que se atue em conformidade. O pessoal docente deve ser tão discreto quanto possível, para que tanto os pais como os alunos se sintam seguros se precisarem de conselhos ou quiserem apresentar uma queixa (Everybody's affected peer on on-peer sexual harassment among learners - Senedd Commission, 2022).



EFEITOS

Danos físicos

As vítimas de assédio sexual podem sofrer diferentes tipos de lesões físicas como resultado da agressão, e a gravidade dessas lesões dependerá da natureza específica do assédio. De acordo com um estudo realizado por Vega-Gea et al. (2016), o assédio sexual entre pares manifesta-se de forma diferente entre rapazes e raparigas. Enquanto as raparigas são mais propensas à agressão verbal, a agressão física é mais prevalente e mais grave entre os rapazes.

A prevenção do assédio sexual e o apoio adequado às vítimas são essenciais para minimizar o impacto físico desta forma de violência. Os professores e educadores devem ser capazes de reconhecer quando estão a lidar com danos físicos resultantes de assédio sexual entre pares em contexto escolar.

As lesões físicas podem ser diversas e ter consequências diferentes:

Lesões devidas a agressão física por parte de outros. A agressão física pode resultar em contusões, arranhões, cortes ou mesmo lesões mais graves, consoante a natureza do ataque do agressor. Estes ferimentos não só causam dor imediata, como também podem ter consequências a longo prazo para a saúde física da vítima. Podem incluir fraturas, danos nos tecidos moles ou outras lesões que requerem cuidados médicos e reabilitação. Por vezes, as vítimas podem reagir fisicamente para se defenderem do assédio, o que leva a um ciclo de comportamentos de retaliação. Esta escalada pode resultar em danos tanto para a vítima como para o agressor.

Auto-mutilação. As vítimas de assédio sexual podem, por vezes, recorrer a comportamentos autodestrutivos, como a automutilação, como forma de lidar com o trauma.

Problemas de saúde que são uma consequência imediata de complicações mentais. O stress e a ansiedade resultantes do assédio sexual podem manifestar-se fisicamente, através de dores de cabeça frequentes, problemas gastrointestinais, tensão muscular, fadiga, perturbações do sono ou problemas cardiovasculares.

Lesões resultantes de expectativas de desempenho. Em certas sociedades, espera-se que os rapazes apresentem determinados comportamentos, a que Wikström (2019) chama masculinidade tóxica. Esta expectativa pode resultar em comportamentos de risco que podem causar lesões físicas agudas, como distensões musculares, entorses ou fraturas, que ocorrem, por exemplo, devido à pressão para o desempenho atlético ou atividades de risco.

DANOS FÍSICOS

É crucial reconhecer a importância de desafiar e mudar as normas de gênero prejudiciais, que são frequentemente perpetuadas de geração em geração, a fim de promover um ambiente saudável e seguro para todas as crianças. As intervenções que promovem uma compreensão mais alargada da masculinidade e da feminilidade, permitindo a expressão emocional e desencorajando comportamentos prejudiciais, são essenciais para prevenir danos a curto e a longo prazo.



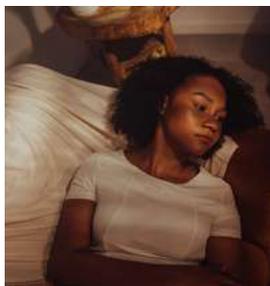
Para combater o assédio sexual entre pares, é essencial adotar medidas a vários níveis:

Educar para a igualdade de gênero. Utilizar materiais educativos que promovam a igualdade de gênero desde os primeiros anos, incluindo materiais que questionem os estereótipos de gênero e realcem a diversidade de competências, capacidades e interesses das crianças, independentemente do seu sexo.



Promover a expressão emocional. Criar ambientes que estimulem todas as crianças a expressar livremente as suas emoções de uma forma positiva. Para tal, é importante desencorajar a ideia de que certas emoções são exclusivas de um determinado gênero.

Promover a inclusão da diversidade. Apresente uma variedade de modelos e histórias que realcem a diversidade de identidades de gênero, estruturas familiares e papéis sociais. Isto permitirá que as crianças compreendam que não existe uma única forma “correta” de ser rapaz ou rapariga.



Implementar programas de resolução de conflitos.

Implementar programas que permitam treinar competências de resolução de conflitos desde a infância. Isto ajuda as crianças a desenvolver estratégias saudáveis para lidar com conflitos, reduzindo a propensão para comportamentos agressivos ou prejudiciais.

Criar grupos de apoio. Crie grupos de apoio ou clubes escolares que promovam a igualdade de gênero e proporcionem um espaço seguro para discussões sobre respeito mútuo, relações saudáveis e prevenção do assédio.



DANOS FÍSICOS

Em conclusão, a prevenção do assédio sexual desde a mais tenra idade implica uma abordagem multifacetada que combata as normas de género nocivas e promova o estabelecimento de relações saudáveis e respeitadas. As escolas devem concentrar-se na criação de um ambiente propício ao desenvolvimento de crianças capazes de construir relações baseadas no respeito mútuo. Ao adotar os procedimentos recomendados, é possível criar uma base sólida para a promoção da igualdade de género e a prevenção do assédio sexual, permitindo que as crianças desenvolvam relações respeitadas e saudáveis ao longo da vida. Para tal, é essencial garantir o investimento em programas e recursos educativos que promovam uma compreensão positiva e inclusiva das identidades de género, capacitando as novas gerações para desafiar estereótipos nocivos e contribuir para um futuro mais igualitário e seguro para todos.



EFEITOS

Isolamento Social

O assédio sexual entre pares pode ter efeitos prejudiciais nos domínios social e emocional dos alunos. É particularmente preocupante o impacto que pode ter no isolamento social. Este fenómeno, resultante da experiência traumática do assédio, pode desencadear uma série de consequências negativas que afetam não só a interação social na escola, mas também o bem-estar emocional e psicológico dos alunos envolvidos.

As vítimas de assédio sexual entre pares podem ver-se obrigadas a afastar-se das interações sociais e das amizades, o que tem um impacto negativo significativo no seu bem-estar emocional e desenvolvimento social. Este afastamento pode ocorrer das seguintes formas, entre outras:

-Isolamento autoimposto: neste tipo de isolamento, são as próprias vítimas que evitam frequentar determinados locais que consideram propícios ao assédio sexual e se afastam conscientemente de potenciais fontes de assédio. Este isolamento pode expor a vítima a momentos de solidão, resultando numa falta de apoio emocional e num desenvolvimento deficiente de competências sociais. Por vezes, é mais fácil para os estudantes submeterem-se a este isolamento do que sentirem-se obrigados a procurar ajuda para o seu problema.

-Perda de confiança nas relações interpessoais: A experiência de assédio sexual pode abalar a confiança da vítima nas interações sociais, tornando-a menos disposta a fazer novas amizades ou a confiar nos outros. Como resultado, a pessoa assediada está menos disposta a confiar nos outros nas suas relações, o que pode levar a barreiras psicológicas significativas à construção de relações positivas e duradouras.



ISOLAMENTO SOCIAL

Esta questão deve-se à predisposição da vítima para transpor um problema com uma pessoa ou grupo específico a toda a esfera de relações que possa ter ou desenvolver.

Medo de julgamento e estigmatização. O risco de ser julgada ou estigmatizada pelos pares pode fazer com que a vítima se afaste do seu círculo de amizades mais próximo, numa tentativa de evitar a discriminação e o escrutínio. Neste caso, tal como no caso anterior, há uma extrapolação de um problema específico e identificado para todo o leque de amizades que possam ter. Este risco de ser alvo de julgamento por parte de outros colegas pode causar ansiedade social e uma diminuição da participação em atividades sociais, com o consequente isolamento social.

Desconfiança generalizada. As vítimas podem desenvolver uma desconfiança generalizada em relação aos outros, incluindo colegas e amigos que não são responsáveis por qualquer tipo de assédio, devido a experiências traumáticas com outros colegas. A desconfiança pode prejudicar as relações existentes, impedir a formação de novas amizades e contribuir para sentimentos de alienação. O receio de que o assédio se possa generalizar entre amigos e colegas leva a vítima a desencadear um processo de desconfiança, em que se impõe o auto-isolamento social.

Efeitos na saúde mental com repercussões nas atividades sociais. O assédio sexual pode desencadear problemas de saúde mental, como a depressão e a ansiedade, que, por sua vez, afetam a vontade de participar em atividades sociais. Uma saúde mental deficiente pode constituir um obstáculo significativo à participação social, conduzindo ao isolamento e ao sofrimento emocional.

Recusa de entrar em determinados espaços. O medo de encontrar o agressor em determinados espaços, como os corredores da escola ou as áreas comuns, pode levar a vítima a evitar entrar em certas zonas da escola. Isto pode limitar a participação da vítima nas atividades escolares e sociais, contribuindo para o seu isolamento.

Diminuição das relações familiares. A experiência de assédio sexual pode criar tensões nas relações familiares, levando a vítima a distanciar-se dos membros da família. O afastamento das relações familiares pode privar a vítima de uma fonte crucial de apoio e compreensão e impedir que o problema seja detetado precocemente.



ISOLAMENTO SOCIAL

O reconhecimento destes mecanismos de distanciamento social é fundamental para a deteção do problema e para o desenvolvimento de estratégias de apoio efetivo, promovendo a reintegração das vítimas num ambiente social saudável e solidário, ou seja, a sua plena reintegração social.

Os professores desempenham um papel fundamental na promoção do bem-estar emocional dos alunos, nomeadamente quando se trata de os ajudar a ultrapassar o isolamento social resultante do assédio sexual. Para além de ser capaz de detetar a origem do isolamento social quando este está associado a problemas de assédio, é também imperativo conhecer estratégias para combater o problema na sua origem e apoiar os alunos na reconstrução de relações saudáveis. Para o efeito, é importante:

Criar um ambiente seguro nas salas de aula e no recinto escolar. É importante criar um ambiente escolar em que os alunos se sintam seguros e em que possam exprimir com confiança as suas preocupações e experiências, sem receio de serem julgados. Isto é essencial se se quiser evitar o problema do isolamento desde o início.

Apoio individualizado. Depois de identificar os alunos que podem estar a enfrentar o isolamento social devido ao assédio sexual, é importante prestar apoio individualizado para garantir que a vítima sinta que tem alguém em quem pode confiar e a quem pode revelar os seus problemas e preocupações.

Encaminhamento para apoio profissional específico. Quando estes serviços existem na escola, é importante aproveitá-los para ajudar os alunos que apresentam problemas de isolamento social em consequência do assédio.

Realizar atividades de (re)construção da confiança. Desenvolver atividades que promovam a construção ou reconstrução da confiança e das competências sociais, tais como exercícios de construção de equipas e atividades de cooperação. O reforço da auto-confiança acaba por ter repercussões ao nível do restabelecimento das relações sociais anteriormente existentes.



ISOLAMENTO SOCIAL

Promoção de campanhas anti-bullying. A promoção de campanhas de sensibilização anti-bullying que abordem não só o assédio sexual, mas também os comportamentos preconceituosos em geral, são formas de construir uma cultura de respeito mútuo e de apoio entre pares e de desencorajar comportamentos inadequados por parte dos alunos.

Intervir imediatamente. Nos casos de assédio sexual entre pares, a rapidez com que o problema é detetado e tratado é crucial para garantir a qualidade da intervenção ou resposta.

As orientações acima referidas são fundamentais para a construção de ambientes escolares significativos, seguros e solidários, que respondam às necessidades de todos os alunos. Só nestes ambientes favoráveis é que os alunos poderão desenvolver relações duradouras e saudáveis, em que todos encarem a diversidade numa perspetiva positiva.



EFEITOS

Perturbação do desenvolvimento cognitivo e emocional normal

O assédio sexual, especialmente o assédio entre pares nas escolas, prejudica o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças e dos adolescentes. A sua aprendizagem, crescimento e relações são afetados por esta perturbação. Para resolver este problema generalizado, os educadores e os decisores políticos precisam de compreender como o assédio sexual afeta o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Impacto cognitivo

O assédio sexual pode afetar gravemente o desenvolvimento cognitivo das crianças e dos adolescentes. O stress, a preocupação e a ansiedade aumentam nas vítimas de assédio. As emoções negativas podem prejudicar a concentração, a memória e o desempenho académico. De acordo com a investigação, o assédio sexual pode reduzir o desempenho e a motivação académica, levando ao absentismo e a um menor sucesso escolar.

O assédio sexual também afeta as percepções fora da sala de aula. As vítimas podem interiorizar a vergonha e a inutilidade e desenvolver uma má auto-percepção, o que pode diminuir a sua autoestima. A interiorização de pensamentos negativos pode inibir o desenvolvimento cognitivo e limitar o potencial.

As vítimas de assédio sexual podem sofrer danos emocionais e cognitivos. Os adolescentes que são vítimas de assédio sexual podem desenvolver desespero, ansiedade, stress pós-traumático e sentimentos de isolamento e solidão. Estes problemas emocionais podem afetar a sua saúde mental e a sua capacidade de construir relações de confiança e de conviver em interações sociais durante anos.

Impacto Emocional

Os efeitos psicológicos do assédio sexual nas jovens vítimas podem ser graves e duradouros. Muitas vezes, elas experimentam sentimentos intensos e profundos de vergonha, culpa e embaraço que penetram no seu âmago. Estas emoções avassaladoras agravam o seu sofrimento, perpetuando um ciclo interminável de silêncio e auto-culpa que aprisiona a sua frágil personalidade. O peso deste fardo pode tornar-se intransponível, esmagando a sua capacidade de regular a tempestade tumultuosa de emoções que se agita no seu interior, deixando-o vulnerável e indefeso contra as ondas implacáveis de stress que se abatem sobre a sua frágil costa.

PERTURBAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL NORMAL

Em resposta a este tumulto emocional, as vítimas podem procurar consolo em mecanismos de sobrevivência pouco saudáveis, como os abismos escuros do abuso de substâncias ou o perigoso caminho da auto-mutilação. Estas formas de fuga oferecem-lhes um alívio temporário, uma sensação fugaz de controlo no meio do caos e um breve momento de alívio do tormento incessante que envolve as suas mentes frágeis. No entanto, estes alívios temporários são apenas uma ilusão, escondendo feridas psicológicas mais profundas que requerem atenção imediata e apoio inabalável. Além disso, o impacto emocional do assédio sexual vai muito além do sofrimento pessoal das pessoas afetadas e atinge as profundezas das suas relações sociais. As vítimas ficam presas num labirinto de desconfiança e lutam para estabelecer relações significativas com os seus pares e figuras de autoridade. Os muros que erguem como escudo contra potenciais danos apenas as isolam ainda mais, aumentando o seu sofrimento emocional e exacerbando os seus sentimentos de solidão e alienação. A cada dia que passa, mergulham mais no abismo do isolamento, separadas das suas antigas redes de apoio e cortadas da vibrante teia de relações humanas que produzem alegria e realização. Esta profunda solidão intensifica a sua dor emocional, corrói a sua autoestima e sufoca a sua esperança, deixando-as afogadas num mar de desespero. Se não forem tratadas, estas pessoas correm o risco de serem postas de lado e ignoradas por uma sociedade que não reconhece a profundidade das suas feridas emocionais. Os seus pedidos de ajuda, muitas vezes escondidos por detrás das máscaras que usam, não são ouvidos nem respondidos, deixando-os presos numa paisagem sombria onde a cura e o crescimento pessoal se tornam objetivos impossíveis. É imperativo que intervenhamos rápida e cuidadosamente para garantir que nenhum jovem vítima seja vítima de negligência e indiferença, pois o seu bem-estar emocional e o seu sucesso futuro estão em jogo. Em resumo, a perturbação do desenvolvimento cognitivo e emocional causada pelo assédio sexual é um problema grave e urgente que requer atenção urgente. É da responsabilidade dos educadores, dos decisores políticos e das partes interessadas juntarem-se e encontrarem uma forma de criar um ambiente escolar seguro e estimulante, livre da ameaça generalizada do assédio e do abuso. Temos de abordar os profundos efeitos cognitivos e emocionais de frente, com um arsenal abrangente de estratégias de prevenção e intervenção à nossa disposição. Através destes esforços concertados, podemos promover uma cultura que sustenta os pilares do respeito, da empatia e da inclusão, não só protegendo o bem-estar emocional de cada aluno, mas também alimentando o seu potencial de sucesso futuro e crescimento pessoal.



TIPOS

Introdução aos tipos

A terceira parte teórica incide sobre os tipos de assédio sexual que podem ocorrer no meio escolar. Faz-se referência ao assédio verbal, não-verbal, visual e físico. No início da análise de cada tipo de assédio, é feita uma descrição dos comportamentos que pertencem a cada categoria, com o objetivo de sensibilizar os professores para esses comportamentos. A segunda parte da discussão de cada tipo de assédio explica as razões pelas quais estes comportamentos se enquadram no espectro do assédio sexual e contribuem para criar um ambiente hostil para as vítimas. A última parte da análise de cada tipo de comportamento centrar-se-á nos efeitos que o assédio sexual tem sobre os alunos, sejam eles psicológicos, sociais ou em termos de efeitos a longo prazo que podem afetar o seu bem-estar.

TIPOS

Assédio verbal

O assédio sexual assume frequentemente uma forma verbal, se nos referirmos ao sítio Web “Question Sexualité”. Os seus limites com a violência sexual nem sempre são visíveis. No entanto, as formas verbais de assédio sexual podem ser a primeira forma do seu aparecimento. A definição de violência sexual ou baseada no género é o facto de uma pessoa impor uma declaração sexual (oral ou escrita), comportar-se de forma sexual ou estabelecer um contato sexual com outra pessoa.

De acordo com o mesmo sítio Web (n.d), “nos casos de assédio, esta violência é recorrente: são impostos a uma pessoa, repetidamente, comentários ou comportamentos com conotação sexual”.

De acordo com o Conselho Europeu (n.d.), são identificadas como formas verbais sexuais as seguintes afirmações:

- fazer comentários de carácter sexual sobre o corpo de uma pessoa;
- fazer observações ou insinuações de carácter sexual
- fazer perguntas sobre fantasias, preferências ou historial sexual
- fazer perguntas pessoais sobre a vida social ou sexual de uma pessoa;
- fazer comentários de carácter sexual sobre o vestuário, a anatomia ou o aspeto de uma pessoa;
- tentar repetidamente sair com uma pessoa que não está interessada;
- contar mentiras ou espalhar rumores sobre a vida sexual ou as preferências sexuais de uma pessoa.

Estes insultos são frequentes no ambiente escolar e nas aulas dos liceus, escolas secundárias e escolas primárias, embora para este último nível não existam estatísticas fiáveis.

Em 2001, foram registados 1400 casos de violências sexuais nas escolas graças à aplicação “SIGNA” da Direção-Geral da Educação francesa.

Podem ocorrer no recreio, na aula ou mesmo nas casas de banho, onde alguns rapazes podem entrar. Esta forma de assédio sexual assume frequentemente a forma de comentários sexistas, por exemplo, comentários sobre a roupa.

Por vezes, diz-se que são pouco visíveis e irrepetíveis (Fize, 2003).

Em França, por vezes, a linguagem verbal dos rapazes para com as raparigas ultrapassa os níveis de boas maneiras desejados para uma convivência saudável em sociedade.

De facto, segundo Mojdehi (2018), falando de assédio na rua, os insultos mútuos entre rapazes e raparigas de natureza sexual acabam por ser demasiado graves em termos da linguagem utilizada.

ASSÉDIO VERBAL

Há uma hipersexualização das jovens raparigas. A imposição à heterossexualidade, em que a sexualidade das mulheres é controlada e limitada ao quadro estrito de um casal estável, pesa mais. As mulheres são reduzidas à sua sexualidade: são “antes de mais e sexualmente [mulheres]” (Henry 2011). Para que tal aconteça, têm de ser fisicamente desejáveis, daí os insultos sobre as suas roupas, por exemplo.

Como os rumores sobre a atividade sexual podem ser uma forma de assédio verbal.

Em “les pièges de la mixité scolaire”, na p. 161, afirma-se que, devido à reputação, as relações entre raparigas e rapazes do mesmo bairro devem ser evitadas, pois podem fazer com que se pareça um alvo fácil. O risco é ter problemas de reputação e, mesmo que a relação se baseie em rumores, esses rumores são suficientes para criar uma má reputação.

Em “Les violences sexistes à l'école”, Debarbieux, E., Alessandrin, A., Dagorn, J, e Gaillard, O. (2018) deram-nos outro testemunho que faz eco do primeiro: “alguns rapazes disseram à minha mãe que eu andava a dormir com eles. Ela era muito rígida e acreditou neles... Depois disso, fui castigado, ela bateu-me. Por muito que me defendesse, por muito que gritasse a minha inocência, ninguém acreditava em mim. A tal ponto que essa reputação me seguia para todo o lado. As raparigas da 3.ª classe batiam-me, deitavam-me ao chão e gozavam comigo pensando que eu tinha relações sexuais com as amigas delas. Algumas achavam que eu era feia, que era uma galdéria... Claro que eu não tinha amigos, não era boa companhia”.

Assim, os rumores podem ser um pretexto para ser assediada sexualmente, este facto pode levar as mulheres a imporem limites a si próprias, se nos referirmos a um testemunho de uma jovem rapariga em “les pièges de la mixité scolaire”: girl testimony in “les pièges de la mixité scolaire”: “girls have to calculate everything : their itinerary, the way they dress, the way they talk, the way their walk” (Le monde, 2003, p. 162).



TIPOS

Assédio não-verbal

Assédio não-verbal engloba uma ampla gama de comportamentos que expressam hostilidade, intimidação ou desrespeito sem o uso de palavras. Mesmo quando não se trata de comunicação verbal explícita, o assédio não-verbal pode ser igualmente prejudicial e perturbador, criando um ambiente tóxico que mina a sensação de segurança e bem-estar de um indivíduo.

Compreender o assédio não verbal

O assédio não-verbal manifesta-se de várias formas, incluindo gestos, expressões faciais, linguagem corporal e proximidade física. Estes comportamentos são frequentemente subtis e podem ser facilmente ignorados, o que os torna insidiosos e difíceis de combater. Por exemplo, olhares persistentes, olhares de soslaio ou gestos sugestivos podem transmitir objetificação sexual e minar o sentido de autonomia e dignidade de uma pessoa. A invasão do espaço pessoal, o bloqueio do caminho de uma pessoa ou os gestos agressivos podem também evocar sentimentos de medo, impotência e vulnerabilidade.

Além disso, o assédio não-verbal pode ser particularmente acentuado em ambientes digitais, onde as pessoas podem ser vítimas de ciberperseguição, imagens explícitas não desejadas ou monitorização invasiva das suas atividades online. Estas formas de assédio podem invadir a privacidade e minar o sentimento de segurança de um indivíduo, tanto online como offline.

Para reconhecer e combater esta forma generalizada de má conduta, é importante compreender as nuances do assédio não-verbal.

Ao reconhecer o impacto dos sinais não verbais no bem-estar psicológico e na dinâmica social das vítimas, os educadores e os responsáveis políticos podem desenvolver estratégias proativas para prevenir e responder eficazmente ao assédio não verbal.

Lidar com o assédio não-verbal

Lidar com o assédio não-verbal exige uma abordagem multifacetada que inclui a sensibilização, a promoção da empatia e a definição de limites claros. Os educadores desempenham um papel fundamental na promoção de uma cultura de respeito e inclusão em que todas as formas de assédio são inequivocamente condenadas e abordadas.

Os programas de formação e as iniciativas de sensibilização podem ajudar as pessoas a reconhecer os sinais de assédio não-verbal e a compreender o seu impacto nas vítimas. Ao capacitar os espetadores para intervirem de forma segura e solidária, podemos criar uma comunidade onde o assédio não é tolerado e onde todos se sentem habilitados a falar contra a injustiça. Para além disso, é importante estabelecer políticas e procedimentos claros para denunciar e tratar o assédio não verbal. As vítimas devem sentir-se apoiadas e capazes de procurar ajuda sem receio de retaliação ou despedimento. Ao oferecer opções de denúncia e apoio, as escolas podem criar um ambiente seguro e reativo que dá prioridade ao bem-estar de todos os alunos.

ASSÉDIO NÃO-VERBAL

Cultivar uma cultura de respeito e responsabilidade

O estabelecimento de uma cultura de respeito e de responsabilidade é fundamental para abordar eficazmente o assédio não-verbal nas comunidades escolares. É importante que as escolas tomem medidas proativas para promover a empatia, a solidariedade e a intervenção assertiva, a fim de criar um ambiente em que qualquer forma de assédio não seja tolerada. Ao capacitarem os alunos e os professores para intervirem e ao prestarem um apoio inabalável às vítimas, as escolas podem perturbar significativamente os comportamentos nocivos e incutir um profundo sentido de responsabilidade na comunidade. Isto cria um clima em que os direitos e o bem-estar de todas as pessoas são protegidos e é promovido um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo. Incentivar o diálogo aberto e facilitar debates significativos sobre as consequências de tais ações ajuda a promover a compreensão e a empatia e, em última análise, a pôr em causa atitudes e comportamentos prejudiciais. Ao envolver alunos e professores em conversas que promovem a consciencialização e defendem o respeito, as escolas podem cultivar um clima social positivo que fomenta o apoio dos pares e a responsabilidade partilhada. Através destes intercâmbios, os indivíduos podem desenvolver uma compreensão mais profunda do impacto das suas ações e palavras, levando a uma maior responsabilização e a uma vontade de enfrentar o assédio não-verbal. Para além disso, a avaliação e o aperfeiçoamento contínuos das políticas e práticas escolares são fundamentais para garantir que estas satisfazem as necessidades em constante mudança dos alunos e professores. As escolas devem avaliar regularmente a eficácia das suas iniciativas anti-assédio e solicitar o feedback de alunos, pais, professores e funcionários para identificar áreas a melhorar. Avaliações exaustivas ajudam as escolas a identificar lacunas nas suas políticas e práticas e permitem os ajustamentos necessários para promover um ambiente de aprendizagem mais seguro e inclusivo para todos. Uma formação abrangente para os professores garantirá que estes dispõem das ferramentas e dos conhecimentos necessários para reconhecer, abordar e prevenir ativamente o assédio não-verbal. Os programas de formação devem centrar-se na sensibilização dos professores para as várias formas de assédio não-verbal e fornecer estratégias para uma intervenção eficaz. Ao dar aos professores as competências e a confiança necessárias para responderem de forma adequada, as escolas podem tratar os incidentes prontamente e apoiar as vítimas durante todo o processo de resolução. Além disso, uma formação abrangente permite que os professores atuem como modelos para os alunos e lhes ensinem a importância da empatia, do respeito e do comportamento responsável.



TIPOS

Assédio visual

Descrição do que constitui assédio visual em contextos da escola básica

Zambeta et al. (2017) destacam as diversas manifestações de assédio escolar entre estudantes, que podem assumir várias formas e se desenvolver em diferentes contextos. Dentro deste espectro, o assédio visual surgiu como um problema contemporâneo em contextos de escola primária, caracterizado nomeadamente pela circulação de conteúdos sexuais ou cenas de violação através de smartphones.

A publicação no blogue “WHAT IS VISUAL SEXUAL ABUSE?” (2021), da Manly, Stewart & Finaldi, uma das principais empresas americanas de advogados especializados em abuso sexual, fornece uma definição abrangente de assédio sexual visual. A publicação especifica que o assédio sexual visual envolve obrigar um indivíduo, adulto ou criança, a assistir a conteúdos sexuais sem o seu consentimento ou desejo. Isto inclui a exposição de órgãos genitais, exibicionismo, divulgação de conteúdos sexuais em imagens ou vídeos, gestos, expressões faciais, sinais ou cartazes, e-mails, mensagens de texto, airdrops, ligações a sítios Web ou materiais impressos como livros ou revistas com conteúdos sexuais (WHAT IS VISUAL SEXUAL ABUSE?, 2021).

No domínio da violência escolar, Zambeta et al. (2017) salientam o risco acrescido que o ciberespaço representa através da comunicação em linha. O assédio pode ocorrer em vários ambientes escolares, como salas de aula, corredores durante os intervalos e no recreio. É de notar que existe pouca investigação sobre o assédio visual entre pares em contextos de escola primária, possivelmente devido à restrição do uso de telemóveis entre os alunos mais novos, como é habitualmente desencorajado em muitos países. A investigação existente centra-se principalmente no assédio sexual visual entre adolescentes, estudantes universitários e empregados.

Os dados sobre o assédio visual entre pares nas escolas primárias são escassos, mas inquéritos como o realizado por Gámez-Guadix et al. (2022) lançam luz sobre a questão. O seu estudo, que incluiu uma amostra de 1820 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos no centro de Espanha, identificou dois tipos principais de assédio sexual visual: sextortion e sexting não consensual. A sextortion consiste em ameaçar as vítimas com a distribuição de imagens sexuais para coagir a ações específicas, ao passo que o sexting não consensual consiste na divulgação não autorizada de imagens sexuais sem o consentimento do sujeito.

ASSÉDIO VISUAL

Como é que a apresentação de imagens sexuais e de conteúdos ofensivos na Internet pode constituir uma forma de assédio visual?

A exibição de imagens explícitas e de conteúdos ofensivos online pode constituir assédio visual, especialmente quando se trata da exposição a material explícito que não é adequado a determinados públicos, incluindo menores. Na União Europeia, existem quadros jurídicos vigorosos para abordar esta questão, com o objetivo de proteger as pessoas, especialmente as crianças, da exposição a conteúdos inadequados. A Diretiva 2011/93/UE relativa à luta contra o abuso sexual e a exploração sexual de crianças e a pornografia infantil serve de base a este respeito (2011 O.J. (L 335) 1). Esta diretiva estabelece regras relativas à definição de infrações penais e sanções relacionadas com a produção, distribuição e posse de pornografia infantil. O artigo 20.º desta diretiva criminaliza especificamente as infrações relacionadas com a produção e a divulgação de pornografia infantil, sublinhando a necessidade de proteger os menores de conteúdos explícitos (2011, JO L 335, p. 5). A legislação da UE torna explicitamente ilegal a exibição de pornografia a menores, reconhecendo os potenciais danos e o impacto negativo que pode ter no bem-estar e no desenvolvimento das crianças. Além disso, a Diretiva (UE) 2018/1808, que altera a Diretiva 2010/13/UE relativa aos serviços de comunicação social audiovisual, prevê medidas adicionais para proteger os menores de conteúdos nocivos nos serviços de comunicação social audiovisual, reforçando o compromisso de os proteger de material inadequado (JO L 303 de 2018, p. 69). Estas leis sublinham a responsabilidade dos adultos e das entidades de impedir a divulgação de material explícito a menores.

Além disso, os Estados-Membros da UE têm normalmente leis que proíbem especificamente os menores de possuir material pornográfico. Um extenso artigo de 123 páginas elaborado pelo INHOPE, financiado pela UE, oferece uma visão aprofundada do panorama jurídico dos Estados-Membros.



ASSÉDIO VISUAL

O recurso abrangente do CSAM apresenta tabelas detalhadas para cada país, descrevendo as várias formas de assédio visual consideradas ilegais de acordo com os quadros legislativos dos respetivos estados-membros (National CSAM Legislation - European Focus, 2022). Ao impor restrições legais à posse de material pornográfico por menores, os países da UE contribuem para a criação de um ambiente online e offline mais seguro para as crianças, em consonância com iniciativas e normas mais amplas de proteção das crianças.

Impacto nos estudantes e consequências da exposição a esses conteúdos

O assédio visual pode ter efeitos profundos e duradouros nos alunos do ensino básico, influenciando o seu bem-estar emocional, desempenho académico e desenvolvimento geral (Gender-based violence in and around schools prevents millions of children worldwide from fulfilling their academic potential 2015). As crianças nesta fase são particularmente vulneráveis às consequências negativas da exposição a conteúdos visuais inadequados, que podem ir desde imagens explícitas a gestos ou materiais ofensivos (Protection of children from the harmful impacts of pornography, 2021). O impacto estende-se para além do desconforto imediato, levando muitas vezes a um aumento do stress, da ansiedade e de um sentimento de insegurança entre os jovens estudantes (Perry, 2015).

No contexto educativo, o assédio visual pode criar um ambiente de aprendizagem hostil, dificultando a concentração e o foco dos alunos do ensino primário (Crowley & Cornell, 2020).



ASSÉDIO VISUAL

A exposição a materiais explícitos ou ofensivos pode interferir com a sua capacidade de participar no processo educativo, afetando potencialmente o desempenho académico e a experiência escolar em geral (Gender-based violence in and around schools prevents millions of children worldwide from fulfilling their academic potential, 2015). Além disso, o assédio visual pode contribuir para a deterioração da autoestima e da confiança de uma criança, levando potencialmente ao retraimento social, à diminuição da participação nas atividades da sala de aula e à relutância em se expressar (Núñez et al., 2021).

Além disso, o impacto emocional do assédio visual pode impedir o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis entre os alunos do ensino primário (Pathmendra et al., 2023). A exposição a conteúdos inadequados pode contribuir para a normalização de comportamentos prejudiciais, afetando a forma como as crianças interagem com os seus pares (Pathmendra et al., 2023). Isto pode levar a relações tensas, a um aumento dos casos de bullying e a um impacto negativo na dinâmica social geral no ambiente da escola primária (Adarsh & Sahoo, 2023). Consequentemente, a abordagem do assédio visual torna-se primordial para a promoção de uma atmosfera segura e de apoio que conduza ao desenvolvimento integral dos alunos do ensino básico.



TIPOS

Assédio físico

No contexto escolar, o assédio físico pode assumir uma série de manifestações, consoante o nível de maturidade dos alunos, mas todas são igualmente consideradas inaceitáveis e prejudiciais ao normal desenvolvimento e bem-estar das crianças.

Algumas manifestações de assédio físico em contexto escolar podem incluir:

Toques não consensuais, incluindo qualquer tipo de contacto físico não desejado ou não solicitado, como puxões de cabelo, apertos, toques abusivos ou qualquer outro tipo de contacto que cause desconforto, mal-estar ou ansiedade ao aluno.

Abraços inadequados consideram-se os que vão para além do abraço amigável tão comum nestas idades. Podem ter uma conotação sexual ou deixar a criança numa situação desconfortável, sentindo que o seu espaço pessoal ou os seus limites foram ultrapassados.

Beliscões na roupa ou em partes do corpo, que são feitos para causar dor ou desconforto ou que perturbam a criança por sentir que a ação foi inadequada. Estes beliscões podem causar dor ou desconforto físico, e podem mesmo deixar cicatrizes físicas se forem feitos com força ou com demasiada frequência.

Despir-se ou tirar a roupa sem consentimento é considerado uma violação grave dos limites pessoais e pode causar danos emocionais que se prolongam no tempo.

A perseguição ou a intimidação física, que pode ser feita em espaços escolares, pode provocar medo e ansiedade na criança. Para além da perseguição ou bloqueio de espaços, esta forma de assédio pode também incluir violência ou contacto físico não consensual.

Professores, educadores, funcionários da escola, pais, encarregados de educação e toda a família devem estar atentos a qualquer sinal que a criança possa apresentar. É importante que o ambiente escolar seja sempre visto como saudável, seguro e livre de violência. A rápida identificação do problema e a atuação imediata são essenciais para que os danos causados por estas situações sejam minimizados.

O assédio físico pode causar danos emocionais, para além dos danos físicos, que são mais evidentes. Os danos físicos podem ocorrer:

Lesões físicas diretas, resultantes do próprio contacto. Estas lesões podem incluir arranhões, cortes, hematomas e, em casos mais graves, fraturas. Dependendo das lesões provocadas, da sua duração e intensidade, alguns problemas físicos podem perdurar no tempo e manifestar-se sob a forma de dores crónicas, problemas musculares e ósseos.

ASSÉDIO FÍSICO

- Deficiência do desenvolvimento físico, que se pode manifestar por atrasos no desenvolvimento motor ou dificuldades na realização de atividades físicas adequadas à faixa etária da criança.
- Reações corporais desencadeadas pelo stress, que se podem manifestar sempre que a criança é sujeita a uma situação de medo associada a assédios repetidos. Estas reações podem incluir o aumento do ritmo cardíaco, a transpiração excessiva ou a tensão muscular.



Podem ocorrer perturbações emocionais resultantes do assédio físico:

- Ansiedade e medo, causados como reação a comportamentos ameaçadores ou ao receio de repetição de episódios de assédio.
- Depressão, como sintoma de assédio físico constante e despercebido.
- Baixa autoestima, em resultado de um sentimento de desvalorização pessoal, responsável pelo assédio que sofreu ou está a sofrer.
- Isolamento social e solidão, resultantes da necessidade da vítima se retrair e minimizar os seus contactos sociais como forma de evitar os agressores e outros potenciais agressores que julga existirem.
- Problemas de comportamento, frequentemente manifestados por agressividade ou irritabilidade, como consequência da incapacidade de lidar com as próprias emoções.
- Comprometimento do rendimento escolar devido a problemas de concentração e falta de motivação para estudar.
- Traumas emocionais de longa duração, quando as consequências do assédio se tornam uma cicatriz psicológica e emocional na vida das crianças.
- Pensamentos e comportamentos auto-destrutivos, que nos casos mais graves podem incluir a ocorrência de pensamentos suicidas.



ASSÉDIO FÍSICO

O reconhecimento imediato do problema, a ação eficaz e o apoio adequado à vítima são essenciais para minimizar as consequências do assédio moral. Os danos físicos e psicológicos são múltiplos e podem ser de duração variável. O envolvimento de todos os encarregados de educação e da família é a chave do sucesso. Só através de uma ação decisiva e holística poderemos garantir que o ambiente escolar é sempre um lugar seguro onde as crianças têm tempo para serem crianças.



PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE

Introdução à Prevalência por país da UE

Este Guia é o resultado da colaboração de seis parceiros de cinco países diferentes: França/Martinica, Itália, Grécia, Portugal e Espanha. A secção Prevalência por país da UE contém um relatório pormenorizado sobre indicadores específicos de assédio sexual por país. Apresenta dados de inquéritos e investigações que refletem a situação do assédio sexual em cada país. Em seguida, identifica os fatores que conduzem à ocorrência do fenómeno em cada país, tais como o sistema educativo, as normas culturais e a dinâmica social. Por último, são apresentadas as iniciativas e medidas adotadas em cada país para reduzir o assédio.

PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE

França

Segundo o site Infos Violences Femmes Bordeaux, ¼ dos insultos dirigidos às raparigas são de natureza sexista, contra 1/7 para os rapazes, de acordo com um inquérito sobre o clima escolar e a violência nas escolas secundárias públicas realizado em 2012.

No entanto, segundo o mesmo site, o risco de assédio é maior no final da escola básica e no ensino secundário. Certas formas de violência podem também ser banalizadas nos jogos dos alunos (tocar nos órgãos genitais, nas nádegas, etc.).

Os números estão resumidos no site oficial Eduscol, que reflete o envolvimento do governo na atual campanha de prevenção lançada em 2020.

Segundo a Eduscol, 40% das mulheres vítimas de violência sexual tinham menos de 15 anos no momento do incidente e 16% eram adolescentes com mais de 15 anos (fonte, inquérito VIRAGE INED, 2016).

Em 2019, os menores representavam mais de metade (55%) das vítimas de violência sexual (violação, agressão e assédio sexual) conhecidas pelas forças de segurança. Isto representa mais de 30 000 crianças e adolescentes. Destas vítimas menores, 80% são raparigas (Lettre de l'Observatoire national des violences faites aux femmes, 2020).

A campanha de prevenção é provavelmente uma reação à prevalência do fenómeno, que tende a aumentar com o aparecimento da Internet e das redes sociais (publicação de fotos íntimas, insultos, humilhações ou assédio na Internet). O site reconhece que os jovens estão particularmente expostos a novas formas de violência através da sua utilização quotidiana da Internet e das redes sociais.

As crianças são confrontadas com o sexismo desde muito cedo, uma vez que a sociedade é dominada por estereótipos, por exemplo, nos brinquedos com que brincam (bonecas para as raparigas ou camiões de bombeiros ou fatos de super-heróis para os rapazes) Questão Sexual. Além disso, na sociedade, parece que este tipo de violência está enraizado numa construção hierárquica do sexo: por exemplo, as mulheres têm salários mais baixos do que os homens e ganham, em média, 25,7% menos do que eles. Além disso, persistem diferenças na escolha dos percursos: as raparigas representam 75% dos estudantes nas ciências humanas e 25% nas ciências fundamentais, que são mais prestigiadas e mais lucrativas. No que diz respeito à vida quotidiana, a distribuição das tarefas segundo a sua natureza também é desigual: os homens fazem a jardinagem e a bricolage, eventualmente as compras, e as mulheres fazem quase tudo o resto... Assim, afirma-se que as desigualdades no seio dos casais são suscetíveis de influenciar profundamente a socialização e a educação dos filhos. No que diz respeito à vida escolar, verifica-se que a sala de aula não é um espaço “neutro” e que as práticas pedagógicas continuam a ser marcadas pelo tratamento diferenciado de raparigas e rapazes. Através de hábitos de naturalização ou como continuação da socialização familiar, as escolas co-produzem as diferenças e hierarquias entre raparigas e rapazes.

PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE

França

A investigação sociológica desde os anos 80 mostra claramente a genderização das interações na escola (Sirota, 1988).

As experiências escolares das raparigas e dos rapazes apresentam características específicas a partir dos 5 anos de idade (Boissieu, 2009). Estas especificidades incipientes são depois reforçadas na escola primária e no ensino secundário. Por volta dos 5 anos de idade, os alunos já pertencem a um grupo de género.

No quotidiano da escola primária, Sirota (1988) mostra que os professores favorecem e encorajam as respostas dos rapazes, mesmo quando estão erradas.

Um estudo do OFCE (L'Observatoire français des conjonctures économiques) mostrou que os professores dedicam cerca de 44% do seu tempo às raparigas, contra 56% aos rapazes. Ao mesmo tempo, cada rapaz e cada rapariga são obrigados a construir a sua identidade pessoal, tomando posição em relação às expectativas sociais tradicionalmente específicas do seu sexo.

De acordo com “les pièges de la mixité scolaire”, a omnipresença do assédio sexual ou da violência pode resultar da falta de sucesso académico dos rapazes e do peso das tradições e da cultura de algumas comunidades. Além disso, afirma-se que este tipo de violência persiste porque a sexualidade é omnipresente na sociedade (na televisão, na rádio, nas revistas, na moda e na publicidade). Por isso, é difícil pôr isto de lado. De acordo com este livro lançado em 2003, um inquérito revelou que metade dos alunos do 6.º ano já tinha visto um filme pornográfico. Podemos supor que a situação pode não ter evoluído positivamente devido ao facto de a Internet multiplicar as tentações:

em Les violences sexistes à l'école Martin e Ruiz (2002) e Sanz Gonzalez (2006) assinalam que as novas tecnologias contribuem para perpetuar o machismo e todas as formas de sexismo online: por exemplo, Finkelhor, Turner, Shattuck e Hamby (2013) mostram que um em cada seis jovens é vítima de assédio sexual todos os anos nos EUA. Acrescenta-se que as raparigas são particularmente vitimizadas em certos aspetos, sendo as formas de sexismo reproduzidas online. O que se passa em França pode ser comparado com isto.

Uma das outras razões para a prevalência da violência sexual, analisada em “Les violences sexistes à l'école, une oppression viriliste”, é o facto de haver uma espécie de “socialização” normal dos rapazes e de o seu comportamento “normal” ser o de lutar para testar e construir a sua virilidade. Esta seria uma espécie de “lei natural” que começaria por ser aplicada no recreio e o que impressiona todos os observadores da escola primária é a segregação dos sexos e a natureza sexuada dos jogos: “As raparigas brincam ao saltar à corda, passeiam e conversam, é o ‘falo contigo e falo contigo mais um pouco’ e o ‘amo-te e já não te amo mais’.

Os rapazes brincam à luta e ao futebol”. Trata-se de afirmar a sua identidade sexual através de um processo de diferenciação.

Além disso, de acordo com “les pièges de la mixité scolaire”, a pressão da turma deve ser considerada sabendo que a escola favorece o sexismo de grupo.

PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE

França

Em França, a prevenção do assédio sexual está agora consagrada na lei:

- Artigo L 121 relativo à mistura e à missão de informação das escolas, colégios e liceus sobre as violências e à educação para a sexualidade.
- Circulaire N° 2018 du 12 septembre 2018
- Convenção interministerial para a igualdade entre raparigas e rapazes (2019- 2024)
- 2 objetivos dos objetivos de desenvolvimento sustentável (5 e 10) também promovem a igualdade de género

Está a ser implementado um novo programa para lidar com casos de assédio geral nas escolas francesas. Lançado em 2021, "pHARE é um plano para prevenir e lidar com o assédio em todas as escolas francesas. Intervém o mais cedo possível, contando com uma comunidade protetora de profissionais e pessoal para os alunos. Promove dois números de emergência: "3020 e 3018 em caso de cyberbullying. Uma das medidas emblemáticas do programa é a nomeação de uma pessoa de contacto local em cada escola: o diretor, dez estudantes embaixadores formados e 5 pessoas de recurso (professores, psicólogos, conselheiros, enfermeiros, etc.). A Martinica foi um dos departamentos-piloto, com 15 escolas-piloto. F.A.13

Além disso, se for vítima ou testemunha de violência sexual, existe um portal de denúncia de violência sexual e de género, disponível no site service-public.fr. Os procedimentos são pormenorizados nesta página, que explica que "qualquer pessoa, menor ou maior de idade, vítima ou testemunha" pode telefonar para esta sala de chat da polícia, com a grande vantagem de estar perante pessoas com formação específica neste tipo de violência.

PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE

Grécia

Embora o assédio sexual seja uma questão de grande importância, de acordo com a declaração da UNICEF na Grécia sobre os casos de violência contra crianças relatados publicamente (2022), parece haver uma grande lacuna na recolha de dados sobre o assunto. A UNICEF (2022) sublinhou a necessidade de criar um centro de recolha de informações centralizado no país. Um dos maiores inquéritos que temos atualmente em mãos é o estudo epidemiológico (BECAN) sobre o abuso e a negligência de crianças na Grécia. O inquérito foi realizado em 9 países dos Balcãs entre setembro de 2009 e janeiro de 2013. Sem dúvida que muitos dos dados terão mudado desde a realização do inquérito, mas este dá-nos indicadores de tendência importantes. Em primeiro lugar, a escala de agressão sexual com contacto físico foi a única escala em que se verificou um aumento significativo em paralelo com o grau de escolaridade: 2,90% é encontrada entre as crianças do ensino primário e atinge 16,73% em ambientes de ensino secundário profissional. Uma percentagem de 27,2% de todos os participantes (rapazes e raparigas) declarou ter-se sentido mal por alguém ter falado ou escrito coisas sexuais sobre eles de forma sexual uma ou duas vezes por ano, numa amostra total de 5% da população estudantil de toda a Grécia 330 508 estudantes, 16 526 são raparigas (Petroulaki et al., 2013).

De acordo com Martin (2023), muitos professores que trabalham no sistema educativo grego não têm, na maior parte das vezes, a formação adequada para lidar com questões de assédio no contexto escolar. A autora salienta que os principais problemas são, em primeiro lugar, o facto de os educadores se encontrarem praticamente numa zona cinzenta do ponto de vista jurídico sobre esta questão e, em segundo lugar, a ignorância transmitida pelos professores às crianças, que não possuem conhecimentos básicos de educação sexual, o que as expõe frequentemente a situações perigosas e contribui para a prevalência do fenómeno do assédio sexual. Para além disso, o contexto profundamente cristão do país acrescenta outro nível de desafio. Artigos como: "Greek sex ed program teaches sexual pleasure for children and gender fluidity", de um jornal ortodoxo (2021), apresentam opiniões que associam a educação sexual a crianças mais suscetíveis de serem vítimas de abusos psicológicos e físicos ou que o aborto é um produto de políticas de redução da sobrepopulação.

PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE

Grécia

Uma das principais iniciativas que a Grécia criou é o PLANO NACIONAL DE ACÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÉNERO (2021-2025), estabelecido pelo Ministério do Trabalho e dos Assuntos Sociais. Podemos delinear os quatro principais objetivos do plano como: 1) prevenir e combater a violência doméstica e baseada no género, 2) participação igualitária das mulheres no mercado de trabalho, 3) participação igualitária das mulheres na tomada de decisões e na liderança e 4) integrar a perspetiva de género nas políticas setoriais, (Secretariado Geral para a Demografia e Política Familiar e Igualdade de Género, 2021). Existe o Centro Diótima, que realiza frequentemente campanhas de sensibilização, a Rede de Estruturas para Mulheres Vítimas de Violência, que dispõe de serviços de aconselhamento e de casas-abrigo para mulheres maltratadas, o Centro de Investigação para a Igualdade de Género, que promove ativamente a igualdade de género. De facto, a lista de organizações de apoio é longa, mas uma constatação a fazer é que a Grécia se concentra principalmente na correção do problema depois de ele acontecer, e não na sua prevenção.

PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE

Itália

Em Itália, tal como em muitos outros países, a abordagem da questão do assédio sexual é da maior importância para o bem-estar e a segurança das crianças e dos adolescentes. No entanto, a obtenção de dados abrangentes sobre o assédio sexual pode ser um pouco difícil. Uma forma de obter informações sobre esta questão é através de relatórios de organizações como o Instituto Italiano de Estatística (ISTAT). Embora esses relatórios possam não se concentrar exclusivamente no assédio sexual, muitas vezes oferecem informações valiosas sobre tendências mais amplas de violência contra crianças e adolescentes, que podem abranger casos de assédio sexual (Alonso et al., 2023; Barbara et al., 2020).

Além disso, a investigação académica desempenha um papel fundamental para melhorar a nossa compreensão do assédio sexual em Itália. Os estudos realizados por universidades ou organizações sem fins lucrativos aprofundam as complexidades da questão, examinando fatores como as taxas de prevalência, as características dos agressores e o impacto nas vítimas. Estes estudos utilizam várias metodologias - incluindo inquéritos, entrevistas e estudos de caso - para recolher diretamente dados de indivíduos. Por exemplo, um estudo realizado pela Universidade de Bolonha pode analisar a extensão do assédio sexual entre crianças e adolescentes em idade escolar em diferentes regiões de Itália. Ao considerar fatores como o sexo, a idade e o contexto socioeconómico, os investigadores podem identificar padrões e discrepâncias nas experiências de assédio sexual (Ben et al., 2020; Mameli et al., 2022; Tosi & Rettaroli, 2022; (Tossani et al., 2022).

Além disso, os inquéritos e relatórios internacionais, como o "Violence Against Women: An EU-wide Survey" da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA), fornecem dados comparativos úteis. Embora estes inquéritos se centrem principalmente na violência contra as mulheres, muitas vezes revelam também a prevalência do assédio sexual, oferecendo assim um contexto europeu mais amplo para compreender a situação da Itália.

PREVALÊNCIA POR PAÍS DA UE

Portugal

Dados sobre a incidência do assédio sexual entre pares, incluindo quaisquer inquéritos ou resultados de investigação disponíveis

A prevalência de casos de violência ou assédio sexual nas escolas portuguesas é um tema difícil de abordar, dada a inexistência de estudos públicos que sustentem a questão. Apesar de admitir a sua existência, como afirmou Marta Santos Pais, ex-Alta Representante das Nações Unidas para a Violência contra as Crianças, numa entrevista à Rádio Renascença (uma estação de rádio com um largo espectro e representação nacional em Portugal), não há números oficiais conhecidos, como refere Chagas (2023).

Apesar da falta de dados oficiais que sustentem as suas afirmações, a entrevistada diz reconhecer que o problema existe e que precisa de ser combatido, até porque o país faz parte da Convenção sobre os Direitos da Criança.

É de salientar que as escolas, quando confrontadas com casos de assédio sexual entre pares, e dependendo do grau de gravidade, podem resolver os casos através dos serviços internos de psicologia e dos gabinetes de apoio ao aluno, ou encaminhar o caso para a polícia e para a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens. No entanto, são poucos os casos que aparecem na esfera pública dos media, quase todos salvaguardados pelo direito ou dever de sigilo, o que explica a inexistência de um estudo nacional sobre o assunto.

Fatores que contribuem para a prevalência, como normas culturais, sistemas educacionais e dinâmicas sociais

Os principais fatores que explicam a existência de casos de assédio sexual nas escolas estão relacionados com as próprias questões culturais do país, embora tenha havido uma grande evolução neste aspeto nos últimos anos. Novas dinâmicas sociais podem também explicar alguns dos casos existentes, nomeadamente a exposição descontrolada de jovens em idades cada vez mais tenras a conteúdos inapropriados nas redes sociais.

Iniciativas, políticas ou intervenções com o objetivo de reduzir o assédio neste país

A Ministra da Justiça, Catarina Sarmento e Castro, em entrevista à Rádio Renascença no dia 25/03/2023, afirmou que o Instituto Nacional de Estatística está a desenvolver dois estudos sobre crimes sexuais. Um dos estudos é em parceria com o Eurostat e o outro com a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens. A Ministra referiu ainda que o Governo está a desenvolver uma Estratégia Nacional para a Proteção das Vítimas de Crime. Ao mesmo tempo, está a ser desenvolvida uma proposta de lei para transpor uma diretiva europeia sobre o combate ao abuso sexual de crianças, que aumenta o prazo de prescrição destes crimes, embora não seja apenas no contexto das escolas, como reconhece a Lusa (2023).

A photograph of a person sitting on a bed, reading an open book. The person is wearing a white long-sleeved shirt and blue jeans. The background is a soft, out-of-focus bed with white and light-colored pillows. The overall mood is calm and focused.

REFERÊNCIAS

Referências acadêmicas e institucionais

- Ai, X., Yang, J., Lin, Z., & Wan, X. (2021). Mental health and the role of physical activity during the COVID-19 pandemic. *Frontiers in Psychology, 12*, 759987.
- Ball, W. P., Anderson, C., Black, C., Gordon, S., Lackenby, M., Murchie, M., ... & Butler, J. E. (2024). Mental health service use in children at risk of significant harm: A record linkage study of a child protection register. *Social Science & Medicine, 353*, 117057.
- Barr, S., & Javed, S. (2021). What is toxic masculinity and how can it be addressed? *The Independent*. <https://www.independent.co.uk/life-style/benedict-cumberbatch-toxic-masculinity-behaviour-men-b1964096.html>, accessed September 15, 2024.
- Blatchford, P. (1998). *Social life in school: Pupils' experiences of breaktime and recess from 7 to 16*. Falmer Press.
- Budde, J., Witz, C., & Böhm, M. (2022). Sexual boundary violations via digital media among students. *Frontiers in Psychology, 12*, Article 755752. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.755752>
- Chiang, L. F., Kress, H., Sumner, S. A., Gleckel, J., Kawemama, P., & Gordon, R. N. (2016). Violence Against Children Surveys (VACS): towards a global surveillance system. *Injury prevention, 22*(Suppl 1), i17-i22.
- Collet, I. (2016). *L'égalité fille-garçon : une exigence dans la formation des enseignants*. ESF Sciences Humaines.
- David, A. (2020). The role of discourse in social theory: *The work of Michel Foucault*. *Sociology Review, 24*–27. <https://ueaeprints.uea.ac.uk/id/eprint/77443>
- Debarbieux, E., Alessandrin, A., Dagorn, J., & Gaillard, O. (2018). *Les violences sexistes à l'école: Une oppression viriliste*. Observatoire Européen de la Violence à l'École. UNGEI.
- Flecha, A., García, R., & Rudd, R. (2011). Using health literacy in school to overcome inequalities. *European Journal of Education, 46*(2), 209-218.
- Fize, Michel (2003). *Sexisme à l'école: Les élèves face aux préjugés*. Paris: Editions de l'Aube.
- Hadar, L. L., Ergas, O., Alpert, B., & Ariav, T. (2020). Rethinking teacher education in a VUCA world: Student teachers' social-emotional competencies during the COVID-19 crisis. *European Journal of Teacher Education, 43*(4), 573-586.
- Irvine, N. (2021). How to identify and deal with toxic masculinity. *Edgar*. <https://www.edgar.ae/articles/how-to-identify-and-deal-with-toxic-masculinity>
- Madani, S., Tsang, L., & Kamat, D. (2016). Constipation in children: a practical review. *Pediatric annals, 45*(5), e189-e196.
- Malti, T., & Noam, G. G. (2016). Social-emotional development: From theory to practice. *European Journal of Developmental Psychology, 13*(6), 652-665.
- Ministry of Education and Youth. (2019). *Comportements sexistes et violences sexuelles*. <https://www.education.gouv.fr>, accessed September 15, 2024.
- Pellegrini, A. D. (2001). A longitudinal study of heterosexual relationships, aggression, and sexual harassment during the transition from primary school through middle school. *Journal of Applied Developmental Psychology, 22*(2), 119-133.
- Reidy, D., Leone, R., Bogen, K., & Swahn, M. (n.d.). The culture of masculinity and sexual violence: Raising boys to be nonviolent men. In L. Orchowski & A. Berkowitz (Eds.), *Engaging boys and men in sexual assault prevention*. Academic Press.
- Réseau CANOPE (n.d.). Intégrer l'égalité dans les enseignements du premier degré ('Integrating equality into primary school teaching'). Available from [CANOPE](https://www.canope.fr).
- UNESCO. (2019). *Behind the numbers: Ending school violence and bullying*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366483>
- Wikström, M. (2019). Gendered bodies and power dynamics: The relation between toxic masculinity and sexual harassment. *Granite Journal, 3*(2), 28–33.

Legislação e documentos de orientação

1. Law No. 2016-297 of March 14, 2016: This law, relating to child protection, aims to ensure that children's fundamental needs are met, supporting their physical, emotional, intellectual, and social development while protecting their health, safety, morals, and education, all while respecting their rights. Available from [Légifrance](#).
2. Children Act 1989: *An Act to reform the law relating to children; to provide for local authority services for children in need and others*. Available from UK Legislation.
3. Children Act 2004: *An Act to make provision for the well-being of children and the reform of children's services in the UK*. Available from UK Legislation.
4. Safeguarding Vulnerable Groups Act 2006: *An Act to protect vulnerable groups, including children, from harm by ensuring appropriate vetting and barring of those working with vulnerable groups*. Available from UK Legislation.
5. Education (School Teachers' Appraisal) (England) Regulations 2012: These regulations cover the appraisal arrangements for teachers in schools, including performance management. Available from UK Legislation.
6. Sexual Offences Act 2003: *An Act to make new provision about sexual offences, their prevention, and the protection of victims*. Available from UK Legislation.
7. General Data Protection Regulation (GDPR): *Regulation (EU) 2016/679 on data protection and privacy in the EU and the European Economic Area (EEA)*. Available from [EU GDPR Information](#).
8. Data Protection Act 2018: *UK's implementation of the General Data Protection Regulation (GDPR)*. Available from UK Legislation.
9. Department for Education (DfE) (2018): *Working Together to Safeguard Children: A guide to inter-agency working to safeguard and promote the welfare of children*. Available from DfE.
10. DfE (2019): *Keeping children safe in education: Statutory guidance for schools and colleges*. Available from DfE.
11. DfE (2015): *What to do if you're worried a child is being abused: Advice for practitioners*. Available from DfE.
12. DfE (2018): *Sharing information: Advice for practitioners providing safeguarding services to children, young people, parents, and carers*. Available from DfE.
13. DfE (2018): *Sexual violence and sexual harassment between children in schools and colleges*. Available from DfE.
14. Herefordshire Safeguarding Children Board: Available from [Herefordshire Safeguarding Children Board](#).

Referências acadêmicas e institucionais

- Bannister Dean. (2019). Sexual harassment and the unheard voices of students. *Educational Journal*, 12(4), 34-39.
- Ginestra, J. (2020). The emotional toll of sexual harassment in schools. *Journal of Mental Health in Education*, 56(2), 78-85.
- Institute for Educational Reform and Advocacy (IDRA). (2018). *Sexual harassment – Safe learning environments for all students*. <https://www.idra.org/safe-schools/sexual-harassment>, accessed September 15, 2024
- Konlan, D., & Dangah, M. (2023). Sexual harassment and its impact on students' academic performance: Insights from the educational system. *Journal of Educational Studies and Research*, 45(3), 150-162.
- Moorhead, K. (2019). The normalisation of verbal violence: How schools fail girls. *Gender & Education Review*, 31(7), 102-108.
- Vega-Gea, E., Ortega-Ruiz, R., & Sánchez, V. (2016). Peer sexual harassment in adolescence: Dimensions of the sexual harassment survey in boys and girls. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 16(1), 47-57. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2015.08.002>
- Wikström, M. C. (2019). Gendered bodies and power dynamics: The relation between toxic masculinity and sexual harassment. *Granite Journal*, 3(2), 28-33.

Documentos políticos

- Global Education Monitoring Report Team, & United Nations Girls' Education Initiative. (2015). *School-related gender-based violence is preventing the achievement of quality education for all* (17th ed.). UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/jfi0000234931>, accessed September 15, 2024
- Senedd Commission. (2022). *Everybody's affected: Peer-on-peer sexual harassment among learners*. <https://senedd.wales>, accessed September 15, 2024

Relatórios

- Senedd Commission. (2021). *'We don't tell our teachers': Experiences of peer-on-peer sexual harassment among secondary school pupils in Wales*. <https://senedd.wales>, accessed September 15, 2024

Diretrizes

- Part Five: Child-on-child sexual violence and sexual harassment. (n.d.). *Department of Education*. <https://www.gov.uk/government/publications>, accessed September 15, 2024

Referências acadêmicas e institucionais

Adarsh, P., & Sahoo, N. (2023). Social consequences of visual harassment: Impact on peer interactions in schools. *Journal of Educational Psychology, 45*(1), 45-59.

Crowley, R., & Cornell, D. (2020). Visual harassment in schools: Its impact on students' mental health and academic performance. *Journal of School Violence, 19*(2), 153-172.

Debarbieux, E., Alessandrin, A., Dagorn, J., & Gaillard, O. (2018). Les violences sexistes à l'école: Une oppression viriliste. Observatoire Européen de la Violence à l'École. [UNGEI](#).

Fize, M. (2003). *Le Harcèlement à l'école: L'enfant maltraité*. Presses Universitaires de France.

Gámez-Guadix, M., et al. (2022). Peer-on-peer visual harassment among adolescents: An emerging issue. *Journal of Adolescent Research, 37*(4), 556-573.

Henry, A. (2011). *Les pièges de la mixité scolaire*. Éditions de la Découverte.

Núñez, J. L., Martín-Albo, J., & Navarro, J. G. (2021). Psychological impact of visual harassment on self-esteem and participation in school. *Journal of Childhood Education, 34*(3), 221-235.

Pathmendra, P., Silva, D., & Gunasekera, R. (2023). Normalising harmful behaviour: The influence of inappropriate content on schoolchildren's social relationships. *International Journal of Social Research, 27*(4), 123-138.

Zambeta, E. (2019). Challenges for migrant educational integration in different European welfare systems. *Hungarian Educational Research Journal, 9*(3), 379-387.

Relatórios

French Ministry of Education. (2001). *SIGNA: Sexual violence cases in schools*. Ministry of Education report.

INHOPE. (n.d.). *EU legal landscape regarding child pornography and online safety*. European Union report.

National CSAM Legislation - European Focus. (2022). *Country-by-country overview of visual harassment laws in the EU*. European Union report.

Websites

- Manly, Stewart & Finaldi. (2021). What is visual sexual abuse? Manly, Stewart & Finaldi. <https://www.manlystewart.com/blog/what-is-visual-sexual-abuse/>, accessed September 15, 2024
- Protection of children from the harmful impacts of pornography. (2021). United Nations Children's Fund (UNICEF). <https://www.unicef.org/>, accessed September 15, 2024

Documentos legais

Directive 2011/93/EU on combating the sexual abuse and sexual exploitation of children and child pornography. (2011 O.J. L 335). European Union. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:32011L0093>, accessed September 15, 2024

Directive (EU) 2018/1808 amending Directive 2010/13/EU on audiovisual media services. (2018 O.J. L 303). European Union. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX%3A32018L1808>, accessed September 15, 2024

Relatórios

Gender-based violence in and around schools prevents millions of children worldwide from fulfilling their academic potential. (2015). *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)*. <https://www.unesco.org/>, accessed September 15, 2024

Prevalência por país da UE

Referências acadêmicas e institucionais

Adarsh, P., & Sahoo, N. (2023). Social consequences of visual harassment: Impact on peer interactions in schools. *Journal of Educational Psychology, 45*(1), 45-59.

Alonso, J., Ben, D., Barbara, P., et al. (2023). Violence against children and adolescents in European contexts. *European Union Agency for Fundamental Rights*.

Barbara, C., Mameli, M., Tosi, F., & Rettaroli, R. (2022). Sexual harassment and educational systems in Italy: An in-depth analysis. *University of Bologna*.

Boissieu, de, A. (2009). Les spécificités genrées dans l'école primaire. *Revue française de pédagogie, 169*, 45-56.

Chagas, T. A. (2023, June 30). Portugal não tem dados sobre abusos sexuais nas escolas. *Rádio Renascença*.

Crowley, R., & Cornell, D. (2020). Visual harassment in schools: Its impact on students' mental health and academic performance. *Journal of School Violence, 19*(2), 153-172.

Debarbieux, E., Alessandrin, A., Dagorn, J., & Gaillard, O. (2018). Les violences sexistes à l'école: Une oppression viriliste. *Observatoire Européen de la Violence à l'École*. UNGEI.

Finkelhor, D., Turner, H., Shattuck, A., & Hamby, S. (2013). Sexual harassment among youth: Prevalence and victimization in the USA. *Journal of Adolescent Health, 52*(4), 235-243.

Fize, M. (2003). *Le Harcèlement à l'école: L'enfant maltraité*. Presses Universitaires de France.

Gámez-Guadix, M., et al. (2022). Peer-on-peer visual harassment among adolescents: An emerging issue. *Journal of Adolescent Research, 37*(4), 556-573.

Henry, A. (2011). *Les pièges de la mixité scolaire*. Éditions de la Découverte.

Martin, C. (2023). Greek education and the challenge of preventing harassment. *Greek Educational Review*.

Núñez, J. L., Martín-Albo, J., & Navarro, J. G. (2021). Psychological impact of visual harassment on self-esteem and participation in school. *Journal of Childhood Education, 34*(3), 221-235.

Pathmendra, P., Silva, D., & Gunasekera, R. (2023). Normalising harmful behaviour: The influence of inappropriate content on schoolchildren's social relationships. *International Journal of Social Research, 27*(4), 123-138.

Zambeta, E. (2019). Challenges for migrant educational integration in different European welfare systems. *Hungarian Educational Research Journal, 9*(3), 379-387.

Prevalência por país da UE

Websites

- Infos Violences Femmes Bordeaux. (n.d.). Violences en milieu scolaire. <https://infos-violences-femmes-bordeaux.fr/autres-violences-sexistes-et-sexuelles/violences-en-milieu-scolaire/>, accessed September 15, 2024
- Question Sexualité. (n.d.). Sexism in society and its impact on children. <https://questionsexualite.fr/lutter-contre-les-violences-et-discriminations/la-violence-dans-la-societe/qu-est-ce-que-le-sexisme-dans-la-societe>, accessed September 15, 2024
- Service Public France. (n.d.). Portail de signalement des violences sexuelles. <https://www.service-public.fr>, accessed September 15, 2024

Leis e textos jurídicos

- Law N° 2016-297 of March 14th, 2016. *French Legal Framework*.
- Circulaire N° 2018-111 du 12 septembre 2018. *Ministère de l'Éducation nationale*.
- Convention interministérielle pour l'égalité entre les filles et les garçons (2019-2024). *French Ministry of Education*.

Relatórios e documentos oficiais

- Eduscol. (2020). Focus: Prévention des violences sexistes et sexuelles à l'école. *Ministère de l'Éducation nationale et de la Jeunesse*. <https://eduscol.education.fr/2180/focus-prevention-des-violences-sexistes-et-sexuelles-l-ecole>, accessed September 15, 2024
- General Secretariat for Demography and Family Policy and Gender Equality. (2021). National Action Plan for Gender Equality (2021-2025). *Ministry of Labour and Social Affairs*.
- Observatoire européen de la violence à l'école. (2002). Les violences sexistes à l'école, une oppression viriliste. *European School Violence Observatory*.
- Πετρουλάκη, Α., Τσιριγώτη, Α., Ζαροκώστα, Δ., & Νικολαΐδης, Ν. (2013). BECAN study: Abuse and neglect in Greek schools. *Greek National Commission for Child Protection*.
- UNICEF Greece. (2022). *Gaps in data collection on violence against children*. UNICEF Greece.

FICHAS DE ATIVIDADES



FICHAS DE ATIVIDADES

Introdução às fichas de atividades

Este Guia visa sensibilizar os professores para o assédio sexual no ambiente escolar e melhorar a educação dos alunos para este fenómeno. Este capítulo contém dez fichas de atividades destinadas a encorajar os professores a criar um ambiente em que o respeito pelos limites das outras pessoas e a bondade sejam valores fundamentais. Compreendendo que o assédio sexual é uma questão difícil e complexa para as vítimas, mas também para os professores que procuram formas de abordar a questão nas salas de aula, as atividades apresentadas no Guia centram-se na sensibilização para o assédio sexual entre pares, com uma dose de criatividade. Estas atividades aumentam o interesse pela aprendizagem, uma vez que assumem a forma de jogos interativos e são adaptadas a múltiplos estilos de aprendizagem. Além disso, melhoram a compreensão e promovem a participação e o envolvimento ativo dos alunos.

Os passos para implementar as atividades são descritos em detalhe, bem como os objetivos de aprendizagem que podem ser alcançados, os materiais que podem ser necessários para completar o processo e alguns indicadores para medir o sucesso da atividade. Através das atividades, os alunos exploram os diferentes aspetos das relações humanas em segurança, compreendem o valor do respeito e da comunicação aberta, percebem o que são padrões saudáveis de ligação emocional e aprendem a lidar com o assédio sexual, quer aconteça com eles próprios ou com outros, através de jogos interativos que reproduzem situações da vida real.

FICHA DE ATIVIDADE 1

Até que ponto a minha igualdade de género é igual?

Um pequeno questionário para ajudar os alunos do ensino básico a perceber se as suas atitudes apoiam a igualdade de género.
Uma versão para rapazes, que pode ser adaptada a alunas.

Objetivos de aprendizagem



Sensibilize os alunos para o facto de poderem reproduzir atitudes sexistas na vida quotidiana e manter a desigualdade de género, mesmo que inconscientemente.

Material necessário

Um questionário de 10 perguntas,
codificado por cores para avaliação:
azul - laranja - verde

FICHA DE ATIVIDADE 1

Em que medida é que a minha igualdade de género é igual? Para os rapazes

1. Divertir-se

Fui convidado para uma festa de aniversário, o que devo vestir?

- A. Qualquer camisa, não me importo
- B. Uma camisa azul escura
- C. Uma camisa cor-de-rosa clara de que gosto muito

2. Carreira

Mais tarde na vida, não me importava de me tornar:

- A. Parteira
- B. Enfermeira
- C. Um camionista

3. Períodos

Na escola da tua irmã mais velha, decidiram instalar um dispensador de pensos (um produto que as raparigas usam para o período). Consideras:

- A. Chocante
- B. Útil
- C. Interessante, pois permitirá compreender melhor as raparigas

4. Vida escolar

Na escola, há 3 rapazes que são sempre barulhentos e impõem as suas regras aos outros. Como é que reages?

- A. Não te preocupes, os rapazes são sempre rapazes
- B. Seria uma boa ideia mudar os lugares deles para que deixem de interagir
- C. Deveriam ser obrigados a desenvolver responsabilidades, ajudando os recém-chegados a sentirem-se integrados na escola

5. Atividades

No final do ano letivo, será organizado um jogo de futebol misto. Qual é a tua reação?

- A. Preferias um jogo só com rapazes
- B. Não há problema, vai ser divertido
- C. Pode ajudar os rapazes a serem mais tolerantes com as raparigas

6. O teu temperamento

Qual é o adjetivo que melhor te descreve?

- A. Sensível
- B. Calmo
- C. Energético
- D. Mal-humorado

FICHA DE ATIVIDADE 1

Em que medida é que a minha igualdade de género é igual? Para os rapazes

7. Amizade

Qual é a frase que melhor descreve a tua atitude?

- A. O meu melhor amigo será sempre do mesmo sexo que eu
- B. Não importa se o meu melhor amigo é um rapaz ou uma rapariga

8. Preconceitos

É o aniversário do teu primo e a tua mãe comprou-lhe uma cozinha de brincar porque ele gosta de cozinhar com a avó.

- A. Sentes-te envergonhado porque as cozinhas de brincar são para raparigas
- B. É uma boa ideia, ele vai ficar contente
- C. Porque não comprar-lhe um jogo de tabuleiro?

9. Trabalho colaborativo na escola

Com qual das opções concorda mais?

- A. Os grupos devem ser sempre constituídos por rapazes e raparigas
- B. As pessoas devem trabalhar com quem quiserem
- C. Sinto-me mais confortável a trabalhar com rapazes

10. Jogos na escola

Que atividade escolheria de entre as seguintes?

- A. Voleibol
- B. Dança
- C. Futebol

Avaliação

- **Laranja** :1A-2B-3B-4B-5B-6A-8C-9B-10A
- **Verde** : 1C-2A-3C-4C-5C-6B-7B-8B-9A-10B-
- **Azul** :1B-2C-3A-4A-5A-6C-7A-8A-9C-10C

- Maioritariamente laranja: a tua igualdade de género está em progresso
- Muito verde: muito bem, as coisas evoluíram positivamente
- Azul: ainda precisas de trabalhar na tua igualdade de género

FICHA DE ATIVIDADE 2

O meu corpo é o meu corpo, respeito, privacidade, consentimento

Sensibilizar para os temas do respeito, da intimidade e do consentimento.

Objetivo geral: prevenir o abuso sexual e aprender a dizer “não” em situações desconfortáveis

Objetivos de aprendizagem



Objetivo específico: Identificar e nomear as partes íntimas do corpo

Desenhe uma tabela com quatro colunas: duas colunas com a designação “rapazes” (uma para eufemismos e outra para termos exatos); duas colunas com a designação “raparigas” (uma para eufemismos e outra para termos exatos).

Peça às crianças que digam o nome das suas partes íntimas.

No final da tarefa, todas as crianças devem saber dizer o nome das suas partes íntimas.



Objetivo específico: Saber quem lhes pode tocar; aprender a lavar-se

Perguntar às crianças quem acham que pode tocar nas suas partes íntimas e fazer as correções necessárias (a mãe para ajudar a lavar, o médico, o cônjuge em casa do adulto)

Explicar como se lavam as partes íntimas das raparigas e dos rapazes para que possam ser autónomos.

É necessário ensinar às crianças que o seu corpo lhes pertence e que ninguém lhes pode tocar sem a sua autorização. Uma comunicação clara e direta desde tenra idade com as crianças sobre a sua sexualidade e as suas “partes íntimas” - utilizando termos exatos para designar os órgãos genitais e outras partes do corpo - ajudá-las-á a compreender o que não é permitido. As crianças têm o direito de recusar um beijo ou ser tocadas, mesmo por uma pessoa de quem gostam. As crianças devem ser ensinadas a dizer “Não” imediata e firmemente a qualquer contacto físico que não seja normal, a sair de situações perigosas e a abrir-se com um adulto de confiança. É importante dizer-lhes que devem insistir até que alguém as leve a sério.

Fonte: <https://www.coe.int/fr/web/children/kiko-and-the-hand>

FICHA DE ATIVIDADE 2

O meu corpo é o meu corpo, respeito, privacidade, consentimento

Objetivo específico: Saber dizer “NÃO”

Dramatizar a história “Kiko e a mão” (uma ferramenta educativa lançada através de uma campanha do *Council of Europe*) com o apoio de projeção de vídeo.

Link do vídeo “Kiko e a mão” <https://www.youtube.com/watch?v=3BqSGSmQ-ow>

Link do pdf “Kiko e a mão” (versão inglesa) <https://rm.coe.int/eng-kiko-book/1680a22b15>

“Kiko e a mão” ensina a regra ‘Aqui não se toca’, que constitui um guia simples criado para ajudar os pais a explicar aos filhos onde não devem ser tocados, como reagir e a quem podem pedir ajuda. É simples: as crianças não devem ser tocadas por outras pessoas nos locais onde normalmente estão cobertas por roupa interior. Também não devem tocar nos outros à volta dessas mesmas partes. Este guia também ajuda as crianças a compreenderem que o seu corpo lhes pertence, que há segredos bons e maus, e formas boas e más de tocar numa criança. Este material, que se destina a crianças entre os três e os sete anos de idade, ajudará os pais e educadores a explicar às crianças que o seu corpo lhes pertence, que existem segredos bons e maus e formas boas e más de tocar numa criança.

Fonte : <https://www.coe.int/fr/web/children/kiko-and-the-hand>

Objetivo específico: Saber o que fazer se algo acontecer. Destigmatizar a denúncia e os tabus

Quando um adulto toca nas partes íntimas (de uma criança), coloca uma tristeza no seu coração que cresce e aumenta à medida que cresce...

As crianças podem perguntar: como é que se livram dessa tristeza no coração?

O educador explica que a tristeza pode ser atenuada e até desaparecer quando se encontra uma pessoa de confiança com quem falar (pais, professores, enfermeiros...).

FICHA DE ATIVIDADE 2

O meu corpo é o meu corpo, respeito, privacidade, consentimento

Material necessário

Computador

Video projetor

FICHA DE ATIVIDADE 2

O meu corpo é o meu corpo, respeito, privacidade, consentimento

Passos

1. Desenhe uma tabela com quatro colunas: duas colunas com a designação “rapazes” (uma para eufemismos e outra para termos exactos); duas colunas com a designação “raparigas” (uma para eufemismos e outra para termos exactos). Peça às crianças que digam o nome das suas partes íntimas. No final da tarefa, todas as crianças devem saber dizer o nome das suas partes íntimas.
2. Perguntar às crianças quem é que elas acham que pode tocar na sua zona íntima e fazer as correcções necessárias (mãe para ajudar a lavar, médico, cônjuge em casa do adulto). Explicar como se lavam as partes íntimas das raparigas e dos rapazes para que possam ser autónomos.
3. Dramatizar a história “Kiko e a mão” (um instrumento pedagógico lançado através de uma campanha do Conselho da Europa) com o apoio de projecção de vídeo. Link do vídeo “Kiko e a mão”: <https://www.youtube.com/watch?v=3BqSGSmQ-ow>
Link do PDF “Kiko e a mão” (versão inglesa): <https://rm.coe.int/eng-kiko-book/1680a22b15>
4. Quando um adulto toca nas partes íntimas (de uma criança), coloca tristeza no seu coração, que cresce e aumenta à medida que cresce... As crianças podem perguntar: como é que se livra dessa tristeza no seu coração? O educador explica que a tristeza pode ser atenuada e até desaparecer quando se encontra uma pessoa de confiança com quem falar (pais, professores, enfermeiros...).

Avaliação

De acordo com a tendência do questionário

FICHA DE ATIVIDADE 3

O frasco das emoções

Esta atividade implica que os alunos se envolvam em cenários breves para exprimirem as suas emoções em resposta a cada situação. O objetivo é promover a consciência dos limites pessoais, encorajando os alunos a reconhecerem não só os seus próprios limites, mas também os dos seus pares. Além disso, a atividade visa promover a compreensão dos comportamentos que são considerados adequados nas interações entre pares.

Objetivos de aprendizagem

- ✓ Identificar os limites
- ✓ Comparar os comportamentos que são aceitáveis e os que não são
- ✓ Analisar o seu comportamento
- ✓ Reprodução de comportamentos saudáveis

Material necessário

Um jarro ou uma caixa

Pedaços de papel colorido com um sentimento escrito dentro

Pequenos cenários que devem ser impressos e cortados

FICHA DE ATIVIDADE 3

O frasco das emoções

Passos

1. Recortar os cenários e colocá-los no frasco
2. Dividir os alunos em grupos mistos
3. Peça a um dos alunos do grupo para retirar um cenário
4. Peça-lhes que leiam o cenário ou que o leiam por eles
5. Peça-lhes para colocarem à sua frente o papel colorido que representa o seu sentimento
6. Se os alunos do mesmo grupo tiverem cores contraditórias, pergunte-lhes porque é que acham que o colega sente o que ele sentem
7. Se os alunos do mesmo grupo tiverem cores semelhantes, peça-lhes que expliquem os seus sentimentos e pergunte aos colegas se sentem o mesmo ou se têm algo a acrescentar.

Cenários sugeridos

Cenário 1: Um colega de turma chama-lhe nomes embaraçosos	Cenário 2: Um colega de turma convida-o a brincar com ele como se fossem marido e mulher.
Cenário 3: Um colega puxa-lhe a saia para cima.	Cenário 4: Um colega de turma toca-lhe no peito.
Cenário 5: Um colega de turma diz-lhe que se não fizer algo que ele quer, dirá a toda a gente que está a fazer algo embaraçoso, mesmo que seja mentira.	Cenário 6: Durante a aula de trabalhos manuais, um colega quer que façam juntos uma pulseira da amizade.

FICHA DE ATIVIDADE 3

O frasco das emoções

Avaliação

Para avaliar se os objetivos de aprendizagem foram alcançados, o professor pode utilizar uma combinação de observação, discussão e reflexão. Eis uma sugestão de processo de avaliação:

Observação durante a atividade:

- Observe como os alunos se envolvem com os cenários e expressam os seus sentimentos.
- Repare se os alunos demonstram compreender os limites pessoais e as emoções através das suas palavras e ações durante a atividade.
- Preste atenção à forma como os alunos se ouvem uns aos outros e se demonstram respeito por perspetivas diferentes.

Reflexões individuais:

- Faça com que os alunos reflitam individualmente sobre a atividade, pedindo-lhes que considerem o que aprenderam sobre limites e comportamentos aceitáveis.
- Incentive os alunos a pensar se os seus sentimentos estão de acordo com os dos colegas e se foram capazes de se exprimir eficazmente.

Análise dos cenários:

- Debater cada cenário separadamente, explorando a razão pela qual foram escolhidas determinadas emoções para cada situação.
- Avaliar se os alunos são capazes de analisar criticamente os comportamentos apresentados nos cenários e determinar se são aceitáveis ou não.

Comportamento e relações na sala de aula:

- Durante as semanas seguintes, observe o comportamento na sala de aula e as interações entre pares.
- Procure sinais de uma melhor comunicação, maior empatia e uma melhor compreensão dos limites pessoais entre os alunos.

Feedback e comunicação:

- Incentive a comunicação aberta com os alunos. Pergunte-lhes como se sentem em relação à atividade, o que aprenderam e se se sentem mais à vontade para expressar os seus limites.

FICHA DE ATIVIDADE 4

O escudo de limite pessoal

Nesta atividade, os alunos criarão “Escudos de Limites Pessoais” para representar visualmente e compreender os seus próprios limites pessoais. Através do desenho e da decoração, exprimirão elementos que os fazem sentir confortáveis e seguros.

Objetivos de aprendizagem

- ✓ Explicar os seus limites pessoais aos seus pares
- ✓ Justificar as escolhas feitas na criação do seu “Escudo de Limites Pessoais”
- ✓ Propor formas de comunicar os seus limites pessoais

Material necessário

Escudos impressos (exemplos podem ser encontrados aqui)

Marcadores

Adesivos

Revistas

Tesoura de segurança

Cola

FICHA DE ATIVIDADE 4

O escudo de limite pessoal

Passos

1. Distribuir um escudo impresso e os materiais a cada aluno.
2. Instruir os alunos a criarem o seu “Escudo de Limites Pessoais”, desenhando-o e decorando-o com símbolos, imagens ou palavras que representem coisas que os façam sentir confortáveis e seguros.
3. Promova um debate na turma sobre os limites pessoais, pedindo aos alunos que partilhem os seus escudos e explicando por que razão incluíram elementos específicos.
4. Salientar a importância de respeitar os limites dos outros e de criar um ambiente seguro na sala de aula
5. Encorajar os alunos a utilizar este escudo sempre que um colega os faça sentir desconfortáveis na escola.

FICHA DE ATIVIDADE 4

O escudo de limite pessoal

Avaliação

Observação durante a atividade:

- Avalie a capacidade dos alunos para articularem claramente os seus limites pessoais durante o debate na aula.
- Procure indícios de que os alunos são capazes de explicar porque é que certos elementos dos seus “Escudos de Limites Pessoais” representam o seu conforto e segurança.

Interação entre pares:

- Incentive os alunos a partilharem os seus escudos com um colega e a explicarem o significado dos elementos escolhidos.
- Avalie a eficácia da sua comunicação na transmissão do conceito de limites pessoais aos seus pares.

Atividade de dramatização:

- Organize um cenário de dramatização em que os alunos pratiquem a comunicação dos seus limites pessoais utilizando os escudos.
- Avalie a sua capacidade de propor formas eficazes e respeitosas de expressar os seus limites em várias situações.

Apresentações individuais:

- Peça a cada aluno que apresente o seu “Escudo de Limites Pessoais” à turma, justificando os símbolos, imagens ou palavras escolhidos.
- Avalie a clareza e a profundidade das suas justificações, assegurando que associam as suas escolhas a sentimentos de conforto e segurança.

Debate na turma:

- Inicie um debate sobre a importância da individualidade na expressão de limites pessoais.
- Avalie a capacidade dos alunos para participarem numa conversa com sentido, defendendo e explicando as suas decisões criativas.

FICHA DE ATIVIDADE 5

Feira do consentimento

Os alunos participarão numa atividade de “Carnaval do Consentimento”, passando por diferentes estações para praticar o pedido e a obtenção de consentimento em diferentes situações. Ao participarem em dramatizações interativas, compreenderão a importância de respeitar os limites pessoais e de identificar várias formas de expressar e reconhecer o “não”.

Objetivos de aprendizagem

- ✔ Ensinar aos alunos o conceito de consentimento de uma forma divertida e cativante.
- ✔ Ajudar os alunos a praticar o pedido e a obtenção de consentimento em vários cenários.
- ✔ Promover uma cultura de respeito e compreensão em torno dos limites pessoais.

Material necessário

sinais da estação do carnaval
(por exemplo, “Hug Booth”, “High-Five
Stand”, “Borrow Booth”)

Autocolantes ou selos

Cartões de cenários com perguntas
relacionadas com o consentimento

Prémios ou certificados de participação

FICHA DE ATIVIDADE 5

Feira do consentimento

Passos

1. Explicar o conceito de consentimento e porque é que é importante pedir autorização e respeitar os limites dos outros.
2. Discutir exemplos de quando e como pedir consentimento.
3. Organize diferentes estações à volta da sala de aula ou do recreio, cada uma com um sinal que indique a atividade (por exemplo, estações dos abraços, estação de dar cinco, estação de pedir emprestado).
4. Prepare cartões com cenários e perguntas relacionadas com o consentimento para cada estação.
5. Divida os alunos em pequenos grupos e atribua a cada grupo uma estação inicial.
6. Em cada estação, os alunos retiram um cartão de cenário e encenam o pedido e a obtenção de consentimento. Por exemplo, na estação dos abraços, um aluno pode perguntar: “Posso dar-te um abraço?” e o outro pode responder com “Sim” ou “Não”.
7. Se o consentimento for dado, prossegue-se com a ação (por exemplo, um abraço, um “dá cá mais cinco”). Se não, respeitam a resposta e passam para o cenário seguinte.
8. Depois de completarem o cenário, os alunos recebem um autocolante ou um selo como recompensa.
9. Faça rodar os grupos por todas as estações para que todos os alunos tenham a oportunidade de praticar diferentes cenários.
10. Reúna os alunos para debaterem as suas experiências na feira.
11. Faça perguntas como: Qual foi a sensação de pedir consentimento? Qual foi a sensação de dizer ou ouvir “não”? Porque é que é importante respeitar o “não” de alguém?
12. Sublinhe a importância de pedir consentimento em todas as interações e de respeitar as respostas.
13. Atribua certificados ou pequenos prémios aos alunos pela sua participação e compreensão do consentimento.
14. Incentive os alunos a partilharem o que aprenderam com as suas famílias.

Avaliação

- Observar a participação e o empenho dos alunos durante a atividade.
- Avalie a sua capacidade de pedir e dar consentimento de forma adequada.
- Reveja as suas reflexões para garantir que compreendem a importância do consentimento e do respeito pelos limites.

FICHA DE ATIVIDADE 6

Heróis contra o assédio

Os alunos tornam-se “heróis contra o assédio” nesta atividade, adquirindo a capacidade de reconhecer diferentes tipos de assédio e de aperfeiçoar as suas competências para intervir em segurança e apoiar os seus pares. Através de dramatizações e conversas orientadas, desenvolvem estratégias para enfrentar o assédio e criar uma atmosfera de apoio.

Objetivos de aprendizagem

- ✓ Ajudar os alunos a reconhecer as diferentes formas de assédio.
- ✓ Capacitar os alunos para se tornarem “heróis” que se podem opor ao assédio e apoiar os seus colegas.
- ✓ Desenvolver estratégias para intervir em segurança e procurar ajuda.

Material necessário

Capas ou máscaras de heróis (opcional, para diversão)

Assédio
Cartões com cenários

Folhetos do “Guia do Herói” com passos para intervir e apoiar

Certificados ou crachás para “Heróis contra o assédio”

FICHA DE ATIVIDADE 6

Heróis contra o assédio

Passos

1. Discutir o que é assédio e dar exemplos de diferentes formas (por exemplo, verbal, físico, digital).
2. Explicar a importância de reconhecer o assédio e saber como reagir a ele.
3. Explicar que os alunos se tornarão “heróis” que aprenderão a enfrentar o assédio.
4. Apresente o “Guia do Herói”, um folheto que descreve as etapas para intervir com segurança e apoiar os colegas (por exemplo, dizer ao assediador para parar, procurar ajuda de um adulto de confiança, apoiar a vítima).
5. Divida os alunos em pequenos grupos e forneça a cada grupo cartões com cenários de assédio que representem diferentes situações (por exemplo, insultos, toques indesejados, cyberbullying).
6. Instrua os grupos para debaterem os cenários e decidirem como reconheceriam o assédio e que ações tomariam para responder como heróis.
7. Distribua os cartões com os cenários pelos grupos para abranger várias situações.
8. Peça aos alunos que representem os cenários em frente da turma, demonstrando como reconhecer o assédio e as respostas heróicas adequadas.
9. Incentive os alunos a utilizarem os passos do “Guia do Herói” e a praticarem diferentes respostas.
10. Reúna os alunos para um debate sobre a atividade.
11. Faça perguntas como: Como é que reconheceram o assédio? Que ações tomaste para responder como um herói? Porque é que é importante falar e procurar ajuda?
12. Sublinhe a importância de apoiar os colegas e de procurar ajuda junto de adultos de confiança.
13. Atribua certificados ou distintivos aos alunos por se terem tornado “Heróis contra o assédio”.
14. Incentive os alunos a partilharem o que aprenderam com as suas famílias e a continuarem a ser heróis na sua vida quotidiana.

Avaliação

- Observar a participação e o empenho dos alunos durante a formação de heróis e a prática de cenários.
- Avalie a compreensão do assédio e das respostas heróicas adequadas através das dramatizações e discussões dos alunos.
- Reveja o “Guia do Herói” para garantir que inclui estratégias eficazes para intervir e apoiar os colegas.

FICHA DE ATIVIDADE 7

Teatro de marionetas

Em grupo, os alunos devem criar vários fantoches de ambos os sexos. Devem discutir em grande grupo com o professor as questões da roupa interior e dos nomes corretos dos órgãos genitais. Após esta fase, os professores devem criar uma narrativa/teatro, em que os fantoches interagem com os alunos que os observam. Estas interações devem proporcionar oportunidades para os alunos responderem e refletirem sobre o toque adequado ou inadequado de certas áreas/zonas do corpo de outros alunos. Durante o teatro, deve haver tempo para os alunos fazerem perguntas aos fantoches sobre a sexualidade e o contacto entre pares.

No final, os alunos devem criar três cartazes de cores diferentes: a vermelho, os comportamentos inaceitáveis; a amarelo, os comportamentos que podem ser perturbadores para algumas crianças, dependendo da sua origem ou crenças religiosas, por exemplo; e a verde, os comportamentos que são aceites por todos.

Objetivos de aprendizagem

- ✓ Abordar de questões relacionadas com o assédio sexual de crianças
- ✓ Envolver os alunos em atividades de reflexão com um caráter lúdico

Material necessário

Material para marionetas

Canetas/marcadores

Cartazes
(vermelho, amarelo, verde)

FICHA DE ATIVIDADE 7

Teatro de marionetas

Passos

1. Criar as marionetas
2. Fazer o teatro
3. Criar os cartazes
4. Colocar os cartazes na sala de aula ou noutro local visível.

Avaliação

- A avaliação será formativa e baseada na observação e no empenho dos alunos.

FICHA DE ATIVIDADE 8

Os meus emojis

As crianças devem criar vários emojis em cartão, com cores diferentes, que expressem várias emoções. De seguida, juntam-se todos em círculo e o professor diz várias frases relacionadas com comportamentos sexuais aceitáveis e inaceitáveis. A cada frase, os alunos escolhem um emoji para levantar, de acordo com o sentimento que a frase lhes desperta. O professor deve fazer uma breve reflexão sobre cada frase e a reação dos alunos.

Exemplos de frases a utilizar:

- Os meus amigos podem abraçar-me.
- Os estranhos podem abraçar-me.
- Os meus amigos podem beliscar-me.
- Os meus amigos podem puxar as minhas calças ou a minha saia para baixo.

Objetivos de aprendizagem



Refletir sobre os comportamentos que devem ser aceites e os que não devem ser tolerados



Envolver os alunos em atividades de reflexão de uma forma lúdica

Material necessário

Cartolina

Marcadores

FICHA DE ATIVIDADE 8

Os meus emojis

Passos

1. Comece por pedir aos alunos que criem diferentes emojis
2. Coloque os alunos em círculo, de modo a que todos se sintam integrados e se possam ver uns aos outros.
3. Comece a dizer cada frase em voz alta, depois de explicar a atividade aos alunos
4. Peça aos alunos para segurarem o seu emoji
5. Reflita com os alunos sobre cada frase e a sua reação.

Avaliação

- Professor: Envolver os alunos na atividade.
- Alunos: Cada aluno deve criar um emoji que reflita a sua avaliação da atividade.

FICHA DE ATIVIDADE 9

O meu corpo pertence-me

Esta atividade centra-se em ensinar às crianças a autonomia do corpo e a importância de reconhecer quando algo é inadequado ou desconfortável. Permite-lhes afirmar o controlo sobre o seu corpo e procurar ajuda, se necessário.

Objetivos de aprendizagem

- ✓ Compreender o conceito de autonomia do corpo.
- ✓ Identificar toques adequados e inadequados.
- ✓ Aprender estratégias para reagir a situações incómodas.

Material necessário

Papel

Marcadores/lápis
de cera

FICHA DE ATIVIDADE 9

O meu corpo pertence-me

Passos

1. Debate (10 minutos): Comecem por debater o conceito de autonomia do corpo, explicando que cada pessoa tem o direito de decidir o que acontece ao seu corpo. Sublinhe que ninguém deve tocar-lhes de uma forma que os deixe desconfortáveis.
2. Atividade de mapa corporal (15 minutos): Dê a cada criança uma folha grande de papel e marcadores/lápis de cor. Peça-lhes para traçarem o seu corpo ou desenharem um contorno de si próprias no papel. Peça-lhes para identificarem as partes do seu corpo que podem ou não ser tocadas. Incentive-os a utilizar cores diferentes para distinguir entre as duas. Incentive-os a discutir se a situação é correta ou não e o que fariam nessa situação. Enquanto trabalham, discuta porque é que é importante manter certas partes do nosso corpo privadas e como o vestuário ajuda a proteger a nossa privacidade.
3. Recapitule os pontos-chave da atividade, sublinhando a importância da autonomia corporal e do reconhecimento de comportamentos inadequados. Recorde às crianças os adultos de confiança a quem podem recorrer se alguma vez se sentirem desconfortáveis ou inseguras.

Avaliação

Observar a participação e o empenho das crianças durante os debates e as atividades. Rever os mapas corporais e as respostas aos cenários para avaliar a compreensão da autonomia do corpo e dos limites adequados.

FICHA DE ATIVIDADE 10

Zona de segurança

Esta atividade visa reforçar o conceito de limites pessoais e fornecer às crianças estratégias práticas para se manterem seguras em diferentes situações. Através de uma dramatização e de um debate, as crianças aprenderão a identificar potenciais riscos e a afirmar os seus limites com confiança.

Objetivos de aprendizagem

- ✓ Reconhecer os limites pessoais em vários contextos.
- ✓ Desenvolver competências de assertividade para comunicar o desconforto ou a recusa.
- ✓ Compreender a importância de procurar ajuda de adultos de confiança quando se sente inseguro.

Material necessário

Cadeiras/almofadas

Cartões de cenários

Temporizador

FICHA DE ATIVIDADE 10

Zona de segurança

Passos

Introdução (10 minutos):

- Explicar que, nesta atividade, vão explorar diferentes cenários e aprender a impor os seus limites para se manterem seguros.

Criação de zonas de segurança (5 minutos):

- Disponha as cadeiras ou almofadas num círculo para criar uma zona de segurança.
- Explique que esta área representa um espaço seguro onde podem expressar os seus pensamentos e sentimentos sem serem julgados.

Dramatização de cenários (20 minutos):

1. Preparar cartões de cenários com várias situações que podem desafiar os limites pessoais (por exemplo, alguém que pede informações pessoais online, um estranho que oferece doces).
2. Divida as crianças em pequenos grupos e dê a cada grupo um cartão com um cenário.
3. Instrua-as a representar o cenário, concentrando-se na forma como afirmariam os seus limites e responderiam à situação.
4. Incentive-as a utilizar técnicas de comunicação assertivas, como dizer “não”, afastar-se ou pedir ajuda a um adulto de confiança.
5. Distribua os cartões de cenários entre os grupos até que cada um tenha tido a oportunidade de abordar vários cenários.

Discussão e reflexão (15 minutos):

1. Reúna novamente os grupos e facilite um debate sobre as suas experiências durante as dramatizações.
2. Faça perguntas como: Como é que se sentiram ao afirmar os vossos limites nos cenários? Que estratégias consideraram mais eficazes? Porque é que é importante procurar ajuda de adultos de confiança quando nos sentimos inseguros?

Incentive as crianças a partilharem quaisquer pensamentos ou perguntas adicionais que possam ter sobre segurança pessoal e limites.

Encerramento (5 minutos):

- Resuma os pontos-chave da atividade, salientando a importância de reconhecer e respeitar os limites pessoais.
- Lembre às crianças que não há problema em afirmar os seus limites e procurar ajuda se alguma vez se sentirem desconfortáveis ou inseguras.
- Encoraje-as a continuar a praticar competências de comunicação assertiva na sua vida quotidiana.

FICHA DE ATIVIDADE 10

Zona de segurança

Avaliação

- Observar a participação e o empenho das crianças durante os exercícios de representação de papéis.
- Avaliar a sua capacidade de identificar riscos potenciais e de afirmar os seus limites de forma eficaz.
- Incentivar o feedback e a reflexão para avaliar a sua compreensão dos conceitos de segurança pessoal.

ESTUDOS DE CASO



CASE STUDIES

Introdução aos estudos de caso

Para fornecer aos professores uma compreensão aprofundada de como o assédio sexual pode ocorrer e das graves consequências para as vítimas, o guia inclui cinco estudos de caso que destacam a complexidade e os diferentes aspetos do fenómeno. Cada estudo de caso descreve um incidente de assédio sexual que ocorreu no contexto escolar, oferecendo uma visão lúcida dos desafios enfrentados por estudantes vítimas de assédio sexual. Cada estudo de caso é estruturado de forma a fornecer uma descrição clara do incidente, incluindo informações sobre como quando e onde o incidente ocorreu, quem são as partes envolvidas, qual a sua idade, que comportamentos ocorreram que são incluídos na categoria de assédio sexual, se há um padrão de repetição do abuso e como a vítima lida com a situação. Através de cada estudo de caso, é observado se existem pessoas que apoiam as vítimas e são identificadas lacunas na prevenção do assédio sexual e no apoio às vítimas no sistema educativo. No final de cada caso, é feito um balanço da situação, onde são referidas as lições aprendidas. Cada caso aconteceu e é irreversível, no entanto, através de uma análise aprofundada dos acontecimentos, procuram-se caminhos para futuras mudanças.

Cada caso tem a seguinte estrutura: título, descrição, contexto, pessoas-chave e aprendizagens adquiridas. Os casos são descritos e analisados com a maior objetividade possível que as fontes de informação podem oferecer, uma vez que o material inclui geralmente excertos de entrevistas de algumas das pessoas envolvidas ou de terceiros.

Que tratamento devem receber as vítimas e os seus agressores?

Martinica

Em resumo

Rebecca tem nove anos e o seu agressor tem apenas oito; ambos frequentam a mesma escola primária na Martinica. A questão mais premente neste caso é o caráter sexual das agressões sofridas por Rebecca.

CONTEXTO

A mãe de Rebecca reúne-se com a diretora da escola, que sugere uma consulta com um psicólogo e promete estar atenta. Um mês mais tarde, a diretora informa-a de que um rapaz voltou a atacar a Rebeca e a tocar-lhe no peito. Apesar de algumas medidas, a diretora admite que não pode garantir a segurança de Rebecca e aconselha-a a apresentar uma queixa formal. Rebeca vai a um psicólogo depois de ter sido chamada pela secção de menores. Um mês mais tarde, a diretora volta a telefonar: o rapaz voltou a atacar Rebeca, desta vez tocando-lhe nas partes íntimas. Profundamente chocada, a mãe de Rebecca volta à polícia e contacta as autoridades educativas locais.

FONTES

[Article on France-Antilles Newspaper. Date: 27th Sept 2023, Journalist: Ericka Morjon.](#)

DESCRIÇÃO

Em janeiro de 2023, quando a menina vai à casa de banho durante o período de aulas, o rapaz quer entrar com ela. “Ela queria fechar a porta, ele estava sempre a empurrá-la para entrar, ela passou longos minutos a gritar por socorro”. Rebecca conseguiu fugir e correu para um lugar seguro nos braços de um funcionário do infantário, conta Virginie, a sua mãe. Rebecca chorou durante o resto do dia. A escola não telefonou à mãe, limitando-se a escrever uma mensagem no diário de Rebecca a descrever o que tinha acontecido.

PESSOAS CHAVE



Rebecca



Diretora e autoridades



A mãe da Rebecca

LIÇÕES APRENDIDAS

- Não ignorar o caso**
Não menosprezar o comportamento do agressor
- Agir imediatamente**
Atuar imediatamente quando surge a primeira queixa

Assédio sexual de uma criança de 7 anos por rapazes de uma escola primária em Creta

Grécia

Em resumo

Este é um caso que foi resolvido na região insular da Grécia, mais concretamente em Creta. Trata-se de um grupo de rapazes que assediou uma menina de sete anos nas casas de banho da escola.

CONTEXTO

Nos artigos que abordam a questão e apresentam excertos da entrevista da mãe, é constantemente salientado que este incidente não é um facto isolado para a rapariga. Durante o período escolar, os colegas chutam-lhe frequentemente a mochila e lançam-lhe olhares de desaprovação. A mãe revela que a rapariga tem explosões de raiva, pesadelos e começou a ter sessões com um psicólogo infantil para lidar com as consequências do incidente. Sentindo-se insegura na escola, tem relutância em frequentar as aulas, sobretudo devido à persistência do bullying por parte das crianças mais velhas. A mãe levou o caso à esquadra da polícia, onde está pendente outro caso com esta escola em particular (Cretalive, 2023).



FONTES

[Creta: Bullying and sexual harassment in a 7-year-old girl by primary school pupils - "Let me go, I'm in pain!"](#)

[First grade girl in a school in Crete, harassed in the toilets](#)

DESCRIÇÃO

Em março de 2023, em Creta, na Grécia, foi noticiado nos meios de comunicação social locais um incidente angustiante envolvendo uma menina de sete anos. Enquanto a menina utilizava a casa de banho da escola, um grupo de quatro a cinco rapazes teve um comportamento inadequado, o que levou a menina a protestar com desconforto. (In.Gr, 2023)

PESSOAS CHAVE



Menina de 7 anos



Meninos de 11 anos



Mãe da menina

LIÇÕES APRENDIDAS

1

Para algumas crianças, a violência é um acontecimento quotidiano

O relatório esclarece a infeliz realidade de que algumas crianças são vítimas de assédio como parte da sua rotina diária, o que tem um impacto significativo em vários aspetos das suas vidas.

2

O assédio escolar tem um impacto grave na saúde física e mental

A ausência da rapariga na escola devido ao medo, associada a pesadelos e explosões de raiva, afeta o seu bem-estar geral, o seu progresso académico e a sua socialização.

Resiliência em face da adversidade: A jornada de Diana Gini através do bullying escolar

Itália

Em resumo

Diana Gini foi vítima de bullying grave na escola secundária. Sem apoio dos funcionários, mudou de escola, procurou terapia e agora encoraja as vítimas a procurar ajuda.

CONTEXTO

Diana Gini tornou-se um alvo devido ao seu aspeto, passatempos e situação familiar, em particular os maus tratos que envolviam a sua irmã deficiente. Com o passar do tempo, o bullying evoluiu para o cyberbullying, a exclusão e a intensificação dos maus-tratos, atingindo o seu auge no oitavo ano. Enfrentou incidentes como ficar trancada nas casas de banho, ver os seus pertences roubados ou destruídos e ameaças físicas, incluindo uma com um alicate de corte. Apesar da gravidade da situação, a resposta da escola foi inadequada; um professor ignorou as suas preocupações depois de o seu casaco ter sido cortado. Sentindo-se insegura, a família de Diana transferiu-a para uma nova escola e providenciou aconselhamento, o que foi crucial para a ajudar a recuperar e a reconstruir a sua confiança.

DESCRIÇÃO

Diana Gini, de 14 anos, foi vítima de bullying severo na escola secundária, incluindo abusos verbais e cibernéticos, ameaças físicas e assédio por causa do seu aspeto e da sua irmã deficiente. Apesar de ter contactado a escola, esta não a apoiou. Com a ajuda da família, Diana procurou terapia, mudou de escola e começou a reconstruir a sua confiança. Agora, partilha a sua história para encorajar outras vítimas a procurar ajuda.

PESSOAS CHAVE



Diana Gini



Diretor da escola



Colegas de escola da Diana

LIÇÕES APRENDIDAS

- Importância da intervenção escolar**
A história de Diana põe em evidência a necessidade de as escolas possuírem políticas claras e sistemas de apoio para combater e prevenir o bullying.
- Apoio à família**
O apoio da família desempenhou um papel crucial na recuperação de Diana, dando-lhe apoio emocional e ajudando-a a mudar de escola e a fazer terapia.
- Advocacia**
Ao partilhar a sua história, Diana dá força às vítimas, aumenta a consciencialização e defende a mudança.



FONTES

[INSIEME CONTRO IL BULLISMO: LA STORIA DI DIANA](#)

Fotografias sexuais partilhadas online

Portugal

Em resumo

Uma estudante acreditou num perfil falso numa rede social. Após várias conversas, partilhou fotografias suas de cariz sexual e acabou por ser incomodada por um desconhecido.

CONTEXTO

O caso foi causado pelo facto de a estudante ter utilizado as redes sociais sem tomar as devidas precauções. A estudante acreditou que o perfil falso para o qual estava a enviar mensagens era de alguém que existia e que estava genuinamente interessado numa relação mais séria.

DESCRIÇÃO

No norte de Portugal, uma estudante do ensino secundário foi vítima de abuso online depois de ter aceiteado um pedido de amizade de um desconhecido que se fazia passar por um adolescente. As mensagens tornaram-se rapidamente íntimas e a estudante foi pressionada a enviar fotografias, que se agravaram sob ameaça. Incapaz de contar aos pais, a aluna procurou ajuda na escola, que depois envolveu a polícia. As autoridades descobriram que o desconhecido tinha visado outras raparigas adolescentes. O caso foi levado a tribunal, mas o resultado ainda é desconhecido.

PESSOAS CHAVE



A aluna



A escola



Os pais e a polícia

LIÇÕES APRENDIDAS

1

A aluna

A estudante aprendeu certamente uma das maiores lições da sua vida sobre os perigos da utilização da Internet e a facilidade com que se podem criar e utilizar perfis falsos que podem conduzir a casos de assédio sexual.



FONTES

Interview to the headmaster of the school

Violência no namoro

Portugal

Em resumo

Micaela e Francisco (nomes fictícios) pareciam ter uma relação perfeita, mas esta foi marcada pela violência que deixou Micaela profundamente marcada.

CONTEXTO

O Francisco (15 anos) frequenta o Agrupamento de Escolas dos Pombinhos no 9.º ano e a Micaela (13 anos) é aluna do Agrupamento de Escolas do Bairro no 8.º ano.

Os dois encontram-se frequentemente e os pais têm conhecimento da relação. A situação foi identificada no Agrupamento de Escolas do Bairro após a constante desatenção da Micaela na sala de aula, o crescente desinteresse e o contínuo isolamento. Os professores apresentaram esta situação à Equipa de Apoio à Educação Inclusiva e, em articulação com o serviço de psicologia, concluiu-se que se tratava de uma situação de violência no namoro que se estava a agravar de dia para dia.

DESCRIÇÃO

Depois da escola, os dois passavam as tardes juntos em casa do Francisco, onde mantinham relações íntimas. Ela nunca dizia que não. Em casa, Micaela fechava-se no quarto, o que os pais não estranharam, uma vez que ela era adolescente. No seu quarto, faziam sexo online, que ele gravava sem o seu consentimento. Depois de uma agressão, ela quis terminar a relação, mas ele usou os vídeos como chantagem.

Rapidamente, os vídeos começaram a circular por toda a escola, o que a obrigou a contar aos pais. Estes avisaram a polícia e a família mudou-se.

PESSOAS CHAVE



Diana Micaela & Francisco



Escola e família



Autoridades

LIÇÕES APRENDIDAS

1

Tolerância zero à violência

A violência nunca deve ser aceite numa relação. Reconhecer este facto é crucial para manter a segurança e o respeito.

2

Procurar ajuda atempadamente

As vítimas devem procurar apoio aos primeiros sinais de abuso para evitar mais danos e receber a proteção necessária.



FONTES

Interview to the headmaster of the school

Parceria de projeto



**Collège Joseph
Lagrosillière**



**UNIVERSITÀ
DI TORINO**

**UNIVERSITA DEGLI
STUDI DI TORINO**



**KAINOTOMIA & SIA
EE**



**Agrupamento de
Escolas do Barreiro**



**Associacio Programes
Educatius Open Europe**



**Agrupamento de
Escolas de Idães**



**Co-funded by
the European Union**

Funded by the European Union. Views and opinions expressed are however those of the author(s) only and do not necessarily reflect those of the European Union or the European Education and Culture Executive Agency (EACEA). Neither the European Union nor EACEA can be held responsible for them.

Project Number: 2023-1-FR01-KA220-SCH-000152428



ARTEMIS

prevenção do assédio sexual &
abuso sexual entre alunos do ensino básico

ZONA DE NÃO ASSÉDIO

Um guia essencial para professores do ensino básico



Co-funded by
the European Union

Financiado pela União Europeia. No entanto, os pontos de vista e opiniões expressos são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelos mesmos.

Número do Projeto: 2023-1-FR01-KA220-SCH-000152428